



**ANDREIA  
MARQUES CUNHA**

## **RELATÓRIO DE ESTÁGIO NA ALÊTHEIA EDITORES**



**ANDREIA  
MARQUES CUNHA**

## **RELATÓRIO DE ESTÁGIO NA ALÊTHEIA EDITORES**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Estudos Editoriais, realizada sob a orientação científica da professora Maria Cristina Matos Carrington da Costa, professora auxiliar do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro.

## **o júri**

Presidente

Professora Ana Margarida Corujo Ferreira Lima Ramos  
Professora Auxiliar da Universidade de Aveiro

Professor António Manuel Lopes Andrade  
Professor Auxiliar da Universidade de Aveiro (arguente)

Professora Maria Cristina Matos Carrington da Costa  
Professora Auxiliar da Universidade de Aveiro (orientadora)

## **agradecimentos**

Em primeiro lugar gostaria de agradecer à equipa da Alêtheia Editores, nomeadamente ao João Alves, à Alexandra Louro e à doutora Zita Seabra. Em segundo lugar, gostaria de agradecer à professora Cristina Carrington pelas suas recomendações e conselhos no decorrer do estágio. Agradeço também aos meus pais e ao meu irmão por todo o apoio incondicional durante esta fase académica. Por fim, agradeço ainda às minhas colegas de Mestrado, Cinderela Bastos e Madalena Formiga, por todo o apoio e suporte durante o decorrer do estágio.

**palavras-chave**

Alêtheia; edição; revisão; tradução; estágio.

**Resumo**

O presente relatório tem como objetivo descrever algumas das atividades executadas durante o estágio realizado na Alêtheia Editores entre setembro de 2017 e janeiro de 2018. Numa primeira parte é feita a apresentação do Grupo Alêtheia e das suas parcerias. Nos pontos seguintes é descrito o trabalho desenvolvido, nomeadamente o processo de revisão, assim como o de tradução, embora com maior brevidade, bem como alguns dos projetos em que participei durante o estágio.

**Keywords**

Alêtheia; editing; proofreading; translation; internship.

**Abstract**

This present report intends to describe some of the activities that I have done during the internship at Alêtheia Editores between September 2017 and January 2018. In the first part, I present the Alêtheia Group and some its partnerships. In the following points, I describe the work carried out in the process of proof reading as well as the translation process, although more briefly, and some of the projects that I worked during the internship are characterized.

## Índice

1. Introdução .....	9
2. O Grupo Alêtheia Editores .....	11
2.1. Alêtheia Editores.....	11
2.2. Ideia-Fixa .....	16
2.3. Várzea da Rainha Impressores.....	17
2.4. Sinapis Editores .....	18
3. Parceiros .....	20
4. O Estágio .....	24
4.1. Preparação de textos para paginação e o processo de revisão .....	24
4.2. Revisão.....	27
4.2.1. Conceito de revisão e a sua importância no percurso do livro.....	27
4.2.2. O revisor.....	30
4.2.3. A revisão de obras na Alêtheia Editores .....	31
4.3. Tradução .....	49
4.4. Lançamentos .....	50
5. Conclusão .....	53
6. Bibliografia.....	54
7. Anexos.....	56

## Índice de figuras

<b>Figura 1</b> – Capa do livro <i>Manual do Lorde</i> .....	34
<b>Figura 2</b> – Capa do livro <i>A Quinta da Alegria</i> .....	38
<b>Figura 3</b> – Imagem do miolo do texto <i>A Quinta da Alegria</i> .....	38
<b>Figura 4</b> – Imagem do miolo do texto <i>A Quinta da Alegria</i> .....	38
<b>Figura 5</b> – Capa do livro <i>Ao Sabor da Bíblia</i> .....	39
<b>Figura 6</b> – Capa do livro <i>O Retrato de Dorian Gray</i> .....	41
<b>Figura 7</b> – Capa do livro <i>São Tomé – Labirinto Verde</i> .....	44
<b>Figura 8</b> – Lançamento do livro <i>A Balança da Europa</i> .....	50
<b>Figura 9</b> – Mesa para venda do livro <i>Manual do Lorde</i> durante o lançamento.....	51
<b>Figura 10</b> – Mesa para venda do livro <i>A Balança da Europa</i> durante o lançamento.....	51
<b>Figura 11</b> – Capa do livro <i>101 Maravilhas de Portugal</i> .....	52

## Índice de Tabelas

<b>Tabela 1</b> – Diferenças entre as variantes do português do Brasil e do português europeu.	37
<b>Tabela 2</b> – Exemplos de erros ortográficos na obra <i>O Retrato de Dorian Gray</i> .....	42
<b>Tabela 3</b> – Exemplos de substituições de léxico na obra <i>O Retrato de Dorian Gray</i> .....	43
<b>Tabela 4</b> – Exemplos de erros ortográficos na obra <i>São Tomé – Labirinto Verde</i> .....	47
<b>Tabela 5</b> – Exemplos de inserção de palavras na obra <i>São Tomé – Labirinto Verde</i> .....	48
<b>Tabela 6</b> – Exemplos de alterações nas componentes sintáticas na obra <i>São Tomé – Labirinto Verde</i> .....	48



## 1. Introdução

O relatório apresentado descreve o estágio curricular realizado na Alêtheia Editores entre setembro de 2017 e janeiro de 2018, sob a orientação da professora Cristina Carrington e do editor João Alves, no âmbito do Mestrado em Estudos Editoriais na Universidade de Aveiro.

O interesse pela literatura e pelo texto sempre esteve presente. Assim, durante o meu percurso no ensino secundário, decidi ingressar na área de letras para poder aprofundar as minhas competências e vir a trabalhar com o livro enquanto texto e objeto. Em primeiro lugar, e porque queria adquirir conhecimentos sólidos sobre a língua portuguesa, completei a licenciatura em Ciências da Linguagem na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Mais tarde candidatei-me ao Mestrado em Estudos Editoriais para poder ter saberes sobre o livro enquanto objeto e sobre a edição e o mercado em que este se insere.

Desta forma, surgiu a oportunidade de realizar o estágio na Alêtheia Editores, uma editora que está consolidada no mercado editorial e que tem um catálogo bastante vasto, o que me permitiu trabalhar em projetos editoriais muito diferentes, e que irão ser descritos neste relatório.

Durante a realização do estágio foram várias as tarefas que me foram dadas dentro da empresa, o que me permitiu aprender grande parte do processo editorial, desde a produção do livro até à sua chegada à livraria.

Numa primeira parte deste relatório irei fazer uma descrição do Grupo Alêtheia com a sua chancela, Ideia-Fixa, a gráfica, Várzea da Rainha Impressores, e a editora de *self-publishing*, Sinapis Editores. Em relação à Alêtheia e à Ideia-Fixa, debruçar-me-ei também sobre o seu catálogo.

A seguir, irei abordar as parcerias que a Alêtheia estabeleceu com a empresa de retalho Pingo Doce e com o jornal *Expresso*.

No capítulo seguinte falarei sobre as atividades que desenvolvi ao longo do estágio, referindo especificamente a edição e revisão de texto, que foram as principais tarefas realizadas ao longo dos meses em que estagiei na Alêtheia. Estas tarefas encontravam-se inseridas no plano de estágio proposto pelo editor João Alves.

Neste capítulo, tratarei também de explicar, de uma forma mais teórica, as especificidades do trabalho de revisão de texto, procurando clarificar o que é a revisão, qual o papel do revisor e as várias «técnicas» para fazer a revisão de um original. Esclarecerei também as

formas de preparação de um texto para paginação e irei descrever o restante trabalho efetuado em alguns dos livros que tive a oportunidade de rever.

Ainda neste capítulo focarei brevemente a atividade de tradução que realizei, os lançamentos a que assisti e outras tarefas que me foram propondo, e que se referiam ao funcionamento interno da empresa.

Por fim, irei apresentar as minhas conclusões acerca das tarefas desenvolvidas durante o estágio na Alêtheia Editores.

## 2. O Grupo Alêtheia Editores

O Grupo Alêtheia é composto por:

- 1) A Alêtheia Editores, a editora principal;
- 2) A Ideia-Fixa, a sua chancela;
- 3) A Várzea da Rainha Impressores, a gráfica;
- 4) A Sinapis Editores, a editora de *self-publishing*.

O facto de o grupo ser composto por todas estas unidades permite o acompanhamento da produção de um livro, desde a análise e avaliações de um texto para publicação até à sua chegada às livrarias. É ainda um grupo com duas formas de publicação distintas: a edição suportada pela editora e a edição de autor (*self-publishing*).

Vejamos cada um dos intervenientes do Grupo Alêtheia.

### 2.1. Alêtheia Editores

Os gregos descrevem a palavra alêtheia como o não-oculto, o não-escondido, o não-dissimulado. Nas palavras de Sophia de Mello Breyner, na sua obra *Navegações*, publicada pela primeira vez em 1983, alêtheia é «aquilo a que os gregos chamam (...) a desocultação, o descobrimento. Aquele olhar que às vezes está pintado à proa dos barcos».

A desocultação do conhecimento e a revelação da verdade foram os compromissos assumidos por Zita Seabra e Alexandra Louro quando fundaram a Alêtheia Editores no decorrer do ano de 2005.

Primeiramente, Zita Seabra e Alexandra Louro fundaram a editora Quetzal, que, entretanto, foi comprada pelo Grupo Bertrand. Após a compra da Bertrand pelo Direct Group, empresa proprietária do Círculo de Leitores, os fundadores da Quetzal, embora ainda tenham permanecido durante algum tempo a trabalhar para esta empresa, decidiram fundar uma nova editora, a Alêtheia Editores. Atualmente, esta está situada na Rua de São Julião, na antiga Casa das Índias, em Lisboa.

A Alêtheia pode ser considerada uma editora generalista, ou seja, publica desde ficção à poesia. No entanto, ao analisarmos o seu catálogo, conseguimos depreender que também faz publicações para um público de nicho, o que permite que se destaque em alguns géneros

literários. Assim, a editora, para além de publicar para o público em geral, tem em atenção um público com interesses pela temática religiosa, assim como aqueles que se interessam por conteúdos políticos.

Possui um vasto catálogo, bastante diversificado, no que diz respeito aos géneros de obras que edita, destacando-se nos textos não-literários, que têm a particularidade de informar e são baseados em factos, a chamada não-ficção, com livros na área da biografia, da religião, da política e da História. No entanto, no seu catálogo podemos também encontrar alguns romances, livros infantis, guias de viagem e poesia.

A Alêtheia publica autores portugueses e estrangeiros. De entre os autores portugueses estão José Milhazes, Vasco Pulido Valente, Vasco Graça Moura, Maria Filomena Mónica ou os clássicos Eça de Queirós e Camilo Castelo Branco. No que diz respeito aos autores estrangeiros, a editora publica Voltaire, G. K. Chesterton, Simon Sebag Montefiore, Oscar Wilde, Lev Tolstói e Hans Christian Andersen.

O critério de seleção dos autores na Alêtheia prende-se mais com o conteúdo da sua obra do que com o peso que o nome do autor possa ter.

Nos parágrafos seguintes, darei conta dos principais títulos do catálogo da editora, por forma a ilustrar as diferentes publicações que esta nos apresenta.

Na categoria de ensaios, a Alêtheia tem obras de autores como:

- Louann Brizendinne (*O Cérebro Feminino*, 2007, e *O Cérebro Masculino*, 2010);
- Vasco Graça Moura (*Acordo Ortográfico: a Perspectiva do Desastre*, 2008);
- G. K. Chesterton (*Como se Escreve um Romance Policial*, 2014);
- José Milhazes (*A Mensagem de Fátima na Rússia*, 2016).

Dos autores anteriormente mencionados, G. K. Chesterton e Vasco Graça Moura têm também romances publicados pela editora. De Chesterton, veio a lume a coleção sobre o Padre Brown com os títulos, por exemplo:

- *A Sabedoria do Padre Brown* (2015);
- *A Incredulidade do Padre Brown* (2017);
- *O Escândalo do Padre Brown* (2018).

Foi publicado ainda *O Homem que era quinta-feira* (2012).

De Vasco Graça Moura foram publicados os romances: *O Pequeno-Almoço do Sargento Beauchamp* (2008) e *O Mestre da Música* (2010).

Outros romances foram dados à estampa pela editora:

- *A Filha de Czarina* de Carolly Erikson (2010);
- *Calista, a Escultora Grega* de John Henry (2010);
- *A Metamorfose* de Franz Kafka (2016).

Nos romances de autores portugueses destacam-se ainda *Doze Casamentos Felizes* (2015), *A Corja* (2015) e *Coração, Cabeça e Estômago* (2016) de Camilo Castelo Branco.

Para além de romances e de ensaios, a Alêtheia publica também biografias, quer sejam de personalidades estrangeiras ou portuguesas:

- *Foi Assim* (2007) de Zita Seabra;
- *Helena de Troia* (2008) de Bettany Hughes;
- *Jerusalém, a Biografia* (2012 e 2015) de Simon Sebag Montefiore.

Algumas das obras identificadas como biografias estão também categorizadas como textos políticos. Assim, nesta categoria, encontramos nomes como:

- José Pacheco Pereira (*O Paradoxo do Ornitorrinco*, 2007, e *O Um dividiu-se em Dois*, 2008);
- Paul Johnson (*Churchill*, 2016);
- Kate Zernicke (*Tea Party*, 2017).

Para além de livros em formatos ditos «normais», a Alêtheia faz também a publicação de álbuns ilustrados, em que fotografias ou ilustrações acompanham o texto. Estes livros são impressos, normalmente, em formato maior e com um tratamento diferente daqueles que são considerados mais «comuns». Nesta categoria estão publicadas as obras:

- *Roseiras Antigas de Jardim* (2006) de Miguel Albuquerque;

- *A Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres em Beja* (2007) de Vítor Serrão, Francisco Lameira e José António Falcão;
- *Portugal tão longe* (2008) de Rui Ochôa.

Além de textos em prosa, a Alêtheia também publica poesia. No seu catálogo, tem autores tão díspares como:

- Isabel Gouveia (*Na Voz da Esperança há Lágrimas*, 2013);
- Voltaire (*O Poema sobre o Desastre de Lisboa*, 2013);
- Santa Teresa de Jesus (*Poemas de Santa Teresa de Jesus*, 2015).

A editora não publica apenas para adultos. Tem também títulos destinados ao público infantil de autores nacionais e estrangeiros. Entre as obras publicadas estão:

- Almeida Garrett (*A Bela Infanta*, 2014, e *A Nau Catrineta*, 2015);
- Lewis Carrol (*Alice no País das Maravilhas*, 2017);
- Mark Twain (*As Aventuras de Tom Sawyer*, 2017).

Algumas das obras da Alêtheia surgem inseridas em coleções, como *Média e Jornalismo*, *Clássicos da Literatura*, *Religião* e *Rainhas da História Universal*.

A *Coleção Média e Jornalismo* incide, tal como o nome indica, em obras que têm como tema central o jornalismo, a política e os média. Fazem parte desta coleção as obras:

- *Mulheres, Liderança, Política e Media* (2015) de Carla Martins;
- *Política no Feminino* (2016) de Ana Cabrera;
- *A Cláusula de Consciência – O direito dos jornalistas a dizer não* (2017) de Otilia Leitão.

*Clássicos da Literatura* tem como lema «não vá em modas, leia os clássicos». Esta coleção engloba tanto autores nacionais como estrangeiros. Entre os autores estrangeiros estão:

- Oscar Wilde com *O Fantasma de Canterville* (2016) e *O Retrato de Dorian Gray* (2018);
- Franz Kafka com *A Metamorfose* (2016);
- H. G. Wells com *A Ilha do Doutor Moureau* (2016).

Entre os autores portugueses surgem:

- Camilo Castelo Branco com, por exemplo, *Perfil do Marquês de Pombal* (2015);
- Eça de Queirós com *Egito, Notas de Viagem* (2015);
- Filippo Pigafetta e Duarte Lopes com *A Relação do Reino do Congo e das terras circunvizinhas* (2015).

A coleção *Religião* é a maior coleção da Alêtheia. Nesta podemos encontrar:

- *OPUS DEI* (2005) de John L. Allen Jr.;
- *Nun' Álvares – Condestável e Santo* (2009) de D. António dos Reis Rodrigues;
- *Teologia do Corpo* (2013) de João Paulo II.

*Rainhas da História Universal* é uma coleção que, tal como o nome indica, conta o percurso de vida de algumas rainhas de vários países. Entre os títulos, estão as obras:

- *O Diário Secreto de Maria Antonieta* (2006) de Carolly Erickson;
- *Maria Stuart* (2015) de Stefen Zweig;
- *Rainha Vitória* (2017) de Lytton Strachey.

Através desta breve análise é possível verificar que o catálogo da Alêtheia é bastante diversificado e contempla vários géneros literários, como romances, biografias, ensaios, e tipologias textuais, como a narrativa, a dissertação, entre outras. Publica nomes bastante importantes do panorama editorial português, como Maria Filomena Mónica ou José Milhazes, ou internacional, como G. K. Chesterton ou Simon Sebag Montefiore.

Dentro do seu catálogo podemos encontrar clássicos da literatura como Eça de Queirós, na coleção *Clássicos de Sempre*, romances sobre as rainhas da História mundial ou temas que fazem parte da nossa atualidade, maioritariamente na área da política.

É possível verificar, com base no número de títulos sobre o assunto, que a Alêtheia edita para nichos específicos de leitores, como, por exemplo, o público que tem maior preferência por temas religiosos ou por ensaios políticos, apesar de ser uma editora generalista.

## 2.2. Ideia-Fixa

A Ideia-Fixa é uma chancela da Alêtheia Editores. Trata-se de uma chancela generalista, mas com conteúdos diferentes da editora principal. Tem como finalidade a publicação de livros da chamada literatura *light*. A literatura dita *light* pode ser chamada de literatura cor-de-rosa. É composta por temas leves, maioritariamente romances, que não implicam um conhecimento prévio sobre um assunto. Esta tem como objetivo satisfazer os leitores momentaneamente.

Assim, o Grupo Alêtheia consegue ter obras para todo o tipo de público, englobando aqueles que querem adquirir conhecimentos e os que querem apenas passar algumas horas descontraídas com os livros.

O catálogo é muito diverso e contém livros de receitas, de História, de desporto ou de literatura erótica. Do catálogo da chancela Ideia-Fixa fazem parte nomes como:

- Maria Vieira (*Maria no País do Facebook*, 2017);
- Fabrizio Rollo (*Manual do Lorde*, 2017);
- Miguel Viana Baptista (*Ostras à Sexta-feira Santa*, 2017).

Na Ideia-Fixa, para além dos romances ou manuais de etiqueta, podemos encontrar literatura erótica como *Hoje é melhor do que para sempre* (2014) de S. D. Gold; obras de culinária: *Receitas fáceis portuguesas para Erasmus* (2016) e *Manual para uma marmita em três tempos* (2017) de Bárbara Loureiro e *Smoothies, Sumos e Batidos* (2016) de Rita-i-Rita. São também abordados outros temas como o futebol em *Quando a Bola não Entra* (2015) de Nelson Nunes, e há ainda livros de dicas e sugestões, tanto financeiras como de vida no geral em *Onde Para o meu Dinheiro* (2016) de João Maria Raposo; *Licencie-me...*



*e agora? Guia (passo a passo) para entrares com o pé direito no mercado de trabalho* (2017) de Catarina Alves de Sousa, ou temas polémicos como *A Praxe – o que os pais não sabem sobre a Universidade* (2014) de Inês de Santar.

Para além destes, a chancela publicou ainda os seguintes títulos:

- *Arsène Lupin, Gentleman-gatuno* (2015) de Maurice Leblanc;
- *Estrada de Beirute* (2015) de Gabriel Mithá Ribeiro;
- *O Grande Chef Caseiro na Mão Delas* (2016) de Miguel Calado Lopes.

A Ideia-Fixa tem também histórias que retratam a vida real como *O Dia em que sobrevivi* (2014) de Maria de Vasconcelos. Aborda ainda temas que são considerados tabu na nossa sociedade com *Histórias da Noite Gay em Lisboa* (2017) de Rui Oliveira Marques ou temas filosóficos em *Fragmentos de Verdade* do mesmo autor.

A chancela editou também outro tipo de obras que abordam temas pouco comuns como: *Humor de Mãe* (2014) de Inês Teotónio Pereira; *De uma mulher para mulheres que amam demais* (2014) de Débora Água-Doce e *Será que as mulheres ainda acreditam em príncipes encantados* (2015) de Rodrigo Moita de Deus.

Assim, é possível verificar, através dos temas publicados pela Ideia-Fixa, que a chancela tem publicações com conteúdos diferentes da Alêtheia. Os títulos publicados são mais leves, o que permite chegar ao público generalista. Esta vai à procura de obras que não implicam um conhecimento prévio, como os romances ou os manuais de etiqueta, e tende a acompanhar as tendências da literatura de consumo rápido.

### **2.3. Várzea da Rainha Impressores**

A Várzea da Rainha Impressores (VRI) está situada Zona Industrial da Ponte Seca, em Óbidos. Esta é um elemento bastante importante dentro do circuito interno do livro no grupo da Alêtheia Editores. É aqui que são impressos grande parte dos livros publicados tanto pela Alêtheia/Ideia-Fixa como pela Sinapis. A gráfica faz impressão digital, o que permite a impressão de pequenas tiragens, sendo isso fundamental para a eliminação de *stocks* numa pequena editora. Para além disto, permite também a eliminação de custos associados à gestão de *stocks*, evitam-se os desperdícios e reduzem-se as devoluções de livros por parte das

distribuidoras. A maioria das gráficas faz impressão em *offset*, obrigando a imprimir tiragens bastante elevadas.

Contudo, e porque algumas obras não podem ser impressas digitalmente, a Alêtheia recorre aos serviços de outras gráficas existentes, como a Rainho & Neves. Por outro lado, a Várzea da Rainha faz trabalhos diferentes que nada têm a ver com a editora, como a impressão de revistas, cartões-de-visita ou convites de casamento. Desta forma, há uma rentabilização dos serviços que uma gráfica pode oferecer, sem que fique restringida, exclusivamente, à produção de livros.

Para além destes serviços, a gráfica tem agregada a si a Sinapis Editores, a editora de *self-publishing*, e um serviço de *print-on-demand*.

Com o apoio da gráfica, a Ideia-Fixa, a Alêtheia e os autores da Sinapis têm apostado no formato *e-book*. O lançamento de livros neste formato foi uma aposta vanguardista numa época em que em Portugal o livro eletrónico ainda não tem muita adesão por parte dos leitores.

## **2.4. Sinapis Editores**

A Sinapis Editores, tal como dissemos anteriormente, é uma editora que está agregada à gráfica Várzea da Rainha, e os seus serviços são de *self-publishing*, isto é, edição de autor. Nesta vertente da edição é o autor quem assume todos os custos da produção do livro e a sua distribuição, quer este seja patrocinado ou não por alguma entidade, podendo o seu projeto ser alvo de revisão e de paginação pelos membros do Grupo Alêtheia, ou ser efetuado fora do grupo. Na Sinapis é o autor que manda no seu projeto, não tendo o Grupo Alêtheia qualquer influência no mesmo.

Algumas destas publicações de autor surgem de obras enviadas primeiramente para a Alêtheia, numa tentativa de serem publicadas pela editora, mas como não se inseriam no seu catálogo, o autor é incentivado a lançar a sua obra por conta própria, com ou sem a chancela editorial Sinapis.

Se o autor avançar para a opção de publicar o seu livro na chancela, pagará 200 euros e terá direito à marca da editora, ao ISBN, ao registo no depósito legal, a um local de lançamento e terá a possibilidade de venda da sua obra através das plataformas *online* da editora. Neste processo, vai ser o autor a definir o preço a que o seu título será vendido e a

sua margem será de 60%, ficando os restantes 40% para a Sinapis. A publicação com chancela assegura a venda online da obra no site da editora e o envio das encomendas feitas, quer pelo autor quer por potenciais compradores, e o serviço de atendimento. O pagamento dos direitos de autor é feito conforme o volume de vendas, ou de 3 em 3 meses ou de 6 em 6 meses. A forma como é feito pode variar de autor para autor. Pode ser de duas formas: ou através de recibos, ou através de «crédito», isto é o pagamento dos direitos de autor pode ir acumulando e ser abatido no valor da impressão de uma nova edição, reimpressão ou nova obra. Por outro lado, o pagamento do valor dos direitos de autor pode reverter em vales que são utilizados na compra de livros da Alêtheia ou da Ideia-Fixa.

Se o autor não quiser ser publicado pela chancela, terá direito, mediante o pagamento de uma taxa, a todos os serviços fornecidos pela Várzea da Rainha Impressores, nomeadamente revisão, paginação, atribuição de ISBN e códigos de barras. Contudo, ao optar por esta forma, é o autor quem tem de definir a forma como vai efetuar o lançamento da obra, a distribuição e a venda. No entanto, fica assim isento da percentagem da editora, resultando o lucro de todas as vendas em proveito próprio.

### 3. Parceiros

A Alêtheia publica também através de parcerias com outras entidades. As mais relevantes são com o Pingo Doce e o jornal *Expresso*. Estas parcerias são uma mais-valia para as pequenas editoras, pois permitem obter um maior prestígio e divulgação no mercado editorial e não implicam a gestão de *stocks* por parte da editora.

No caso da parceria entre a Alêtheia e o Pingo Doce, os livros são comprados na totalidade pelo retalhista. Na parceria com o *Expresso* é assinado um contrato, em que são determinados os orçamentos para a edição, revisão e paginação, que é feita sob termos específicos. Neste caso, a impressão e distribuição é feita pelo próprio jornal.

A relação entre o Pingo Doce e a Alêtheia já dura há alguns anos e vem ao encontro da vontade da Alêtheia se dedicar ao livro infantil, tendo assim surgido a hipótese de se unir ao retalhista, e poder, desta forma, publicar obras que estariam acessíveis a todas as crianças na rede de lojas do Pingo Doce e a um valor acessível.

As obras publicadas no âmbito desta parceria estão inseridas em diversas coleções:

A *Coleção Grandes Navegadores Portugueses*, que conta as histórias de navegadores que participaram nos Descobrimentos:

- *Vasco da Gama* (2016);
- *Pedro Álvares Cabral* (2016);
- *Bartolomeu Dias* (2017).

A coleção infantojuvenil *História de Portugal para Miúdas e Miúdos* conta a história de vários reis, rainhas e de outros heróis e acontecimentos que marcaram a História do nosso país. Entre os títulos presentes na coleção estão:

- *D. João I* (2012);
- *D. José* (2014);
- *D. Afonso Henriques* (2014).

*A Coleção Eu Sei:*

- *Olá Robô* (2017);
- *Para Onde Vai o Lixo* (2018).

Há ainda a *Coleção para Miúdos e Miúdas* que aborda, por exemplo, vários temas como lengalengas, provérbios, rimas, trava-línguas e adivinhas:

- *Adivinhas para miúdas e miúdos* (2014);
- *Provérbios para miúdas e miúdos* (2015);
- *Receitas para miúdas e miúdos* (2015).

A *Coleção Vou Pensar Nisso* é uma coleção que «fala de coisas sérias a brincar». Nestes livros são abordados conceitos como a liberdade, amizade, coragem e esperança, e pretende-se que as crianças os aprendam e os apliquem durante toda a sua vida.

- *Coragem* (2014);
- *Esperança* (2014);
- *Amizade* (2015);
- *Liberdade* (2015).

A *Bela Adormecida* e o *Capuchinho Vermelho* são outros títulos publicados por estas duas entidades, fazendo parte de uma pequena série de livros ilustrados para pintar, onde são contadas histórias clássicas da literatura.

A *Alêtheia* e o *Pingo Doce* também têm lançado obras para o público juvenil. Neste âmbito já foram publicadas, por exemplo:

- *Mulherzinhas* de Louisa May Alcott (2017);
- *As Aventuras de Tom Sawyer* de Mark Twain (2017);
- *Alice no País das Maravilhas* de Lewis Carroll (2017).

Estas duas entidades atribuem desde 2014 um Prémio de Literatura Infantil. Este prémio é atribuído aos autores e ilustradores de um conto infantil, em que ambos ganham cerca de 25 mil euros, havendo, posteriormente, a publicação da obra.

O prémio surgiu do gosto que as duas empresas têm pelo livro infantil e da necessidade de se dar a conhecer novos autores. Para participar neste concurso, os autores não podem ter nenhuma obra publicada. A análise e seleção das obras é da responsabilidade da Alêtheia. As obras são entregues à editora sem a referência do autor, ficando estes dados com o Pingo Doce. A Alêtheia só fica a conhecer a identidade do autor após a escolha da história vencedora.

Foram já premiadas as seguintes obras:

- *De onde vêm as bruxas?* de Joana M. Lopes (2014);
- *Orlando – o Caracol Apaixonado* de Sérgio Mendes (2015);
- *O Meu Livro Tem Bicho* de Madalena Luz da Costa (2016);
- *Há Monstros no Túnel* de Diogo Alegria Pécurto (2017).

A outra entidade com quem a Alêtheia tem feito parcerias, embora mais recentes, é o *Expresso*. As publicações feitas por estas têm requisitos específicos de *layout*, que têm de ser escrupulosamente respeitados em todas as obras editadas.

As coleções resultantes da articulação de vontades das duas empresas são:

A *Coleção Os Descobrimentos Portugueses* de Jaime Cortesão. Trata-se de uma obra em 8 volumes, e que, para além do *Expresso* e da Alêtheia, contou também com o apoio da Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

A *Obra Essencial de Fernando Pessoa* e a *Obra Essencial de Camilo Castelo Branco*. Esta última contou também com o patrocínio da Casa Camilo Castelo Branco. Nestas duas coleções foram publicadas várias obras destes dois autores.

Na *Obra Essencial de Fernando Pessoa* foram lançadas, por exemplo:

- *Mensagem e Outros Poemas*;
- *Livro do Desassossego*;
- *Poesia Ortónima*.

Já na *Obra Essencial de Camilo Castelo Branco*:

- *Amor de Perdição*;
- *A Queda de um Anjo*;
- *A Brasileira de Prazins*.

No ano de 2017 foi lançada a coleção *Clássicos de Sempre*. Esta é composta por 9 obras de autores portugueses clássicos, nomeadamente:

- Eça de Queirós (*Alves e Companhia*);
- Gil Vicente (*Auto da Barca do Inferno*);
- Florbela Espanca (*Poesia*);
- Almeida Garrett (*Frei Luís de Sousa*).

Como foi uma coleção iniciada durante o meu período de estágio, tive a possibilidade de acompanhar a produção das últimas três obras editadas (*Sermão de Santo António aos Peixes* de Padre António Vieira; *Frei Luís de Sousa* de Almeida Garrett e *Poesia Erótica* de Bocage). A minha função foi a de «limpeza» prévia do texto para que fosse posteriormente paginado e revisto.

Para além destas coleções, a Alêtheia editou, juntamente com o *Expresso*, a obra *Estaline, na corte do Czar Vermelho* de Simon Sebag Montefiore. Esta obra já tinha sido publicada pela Alêtheia em 2007, e, em 2017, foi reeditada pela editora juntamente com o semanário, aquando da comemoração do centenário da Revolução Bolchevique na Rússia.

## 4. O Estágio

Neste capítulo irei debruçar-me sobre as atividades que realizei ao longo do estágio, procurando descrever com mais pormenor as mais relevantes e com particular importância para a edição de uma obra.

A maioria das atividades estavam pré-estabelecidas no Plano de Estágio elaborado pelo orientador João Alves, e foram aprovadas pelas três partes envolvidas no Acordo de Estágio.

Na Alêtheia Editores, a maioria dos colaboradores realiza mais do que uma função, devido a esta ter um reduzido número de empregados. Isto quer dizer que a mesma pessoa pode realizar inúmeras funções que dizem respeito à área da edição ou a outras de cariz administrativo. No Grupo Alêtheia, o departamento de edição está concentrado em Lisboa e o de *design* na Zona Industrial da Ponte Seca, em Óbidos.

Como na Alêtheia Editores o planeamento de obras para lançamento está em constante mudança, isto permitiu que ao longo do estágio trabalhasse em vários projetos. Assim colaborei em diferentes obras e acompanhei as mais variadas fases do processo de edição até ao consumidor final.

Desta forma, participei num total de 21 obras, sendo que em algumas delas o meu trabalho não influenciou a obra final, como foi o caso do *Manual do Lorde* de Fabrizio Rollo, uma vez que a editora optou por publicar a obra no idioma original, a variante brasileira da língua portuguesa.

### 4.1. Preparação de textos para paginação e o processo de revisão

Duas das atividades que realizei com maior frequência ao longo do estágio foram a preparação de obras para paginação e a revisão de textos. Apesar de poderem ser interpretadas como sinónimas, estas ocorrem, normalmente, em fases diferentes da produção de um livro.

Neste campo pode ocorrer a preparação do texto de uma obra original ou de uma obra digitalizada, ou seja, já existe uma edição prévia da obra. A prévia preparação do manuscrito tende a facilitar a paginação do livro por parte do *designer*.

A preparação do texto de uma obra original, embora extremamente importante, é menos minuciosa, dependendo se existe já um processo de revisão ou não. No caso da Alêtheia, só



costuma haver uma primeira revisão depois de o livro já ter sido paginado. Assim, numa primeira abordagem ao texto detetam-se as gralhas, através de programas como o FLIP, problemas com quebras de páginas, duplos espaços e outros problemas de formatação que possam ter ocorrido no texto. Todas as outras correções são efetuadas posteriormente numa revisão mais minuciosa.

Já as obras digitalizadas requerem uma leitura mais cuidadosa. Durante o meu estágio na Alêtheia só preparei textos provenientes de digitalização. Como o nome indica, este título começa com a digitalização de uma obra já existente em papel. Isto é feito quando a editora não tem os editáveis, que são todos os ficheiros em que é possível intervir manualmente como, por exemplo, um ficheiro em Word ou em InDesign.

Após a digitalização converte-se o ficheiro final em PDF para um ficheiro Word (editável) através de um programa que faça OCR. OCR (*Optical Character Recognition*) é o nome técnico que se dá ao processo de passagem de uma imagem (o ficheiro digitalizado) para caracteres.

No entanto, quando se faz um OCR, ocorrem erros de leitura. Os mais comuns são caracteres diferentes; palavras mal hifenizadas ou com hífenes a mais; quebras de página; aparecem imagens que não pertencem ao texto; desformatação de cabeçalhos, notas de rodapé e números de página; alteração das fontes originais do livro; desformatação dos itálicos, dos parágrafos, das margens, etc.

Este processo foi utilizado para fazer as novas edições da Alêtheia das obras *O Cérebro Masculino* (2010) de Louann Brizendinne e o *Poema sobre o desastre de Lisboa* (2012) de Voltaire.

Assim, e por se tratar de títulos que trabalhei, todos os exemplos de problemas encontrados em OCRs serão retirados da análise destas duas obras. Escolhi estas duas por se tratar de reedições em que não havia o editável, e que registavam termos complexos que implicaram uma atenção rigorosa durante todo o processo de preparação do texto. A escolha de *O Cérebro Masculino* deveu-se a este título ter uma extensa bibliografia em inglês e termos científicos bastante complexos, e o *Poema sobre o desastre de Lisboa* por ser uma edição bilingue em língua portuguesa e francesa, em que as duas línguas estão em simultâneo no documento. No caso desta, para se facilitar a futura paginação, optou-se por colocar a edição em português e a edição em francês em documentos separados.

No entanto, antes de começar o procedimento de limpeza do texto, há alguns passos que se podem fazer para simplificar o processo, e que me foram transmitidos pelo editor. Ao recebermos este ficheiro, devemos seleccionar todo o texto para limpar os estilos presentes no texto, colocar as margens com tamanho normal, assim como o tamanho da página em A4, e o espaçamento entre linhas com 1,5. Optei sempre por colocar também a letra com tamanho 12 e com o tipo de letra Times New Roman.

Os problemas encontrados nestes OCRs podem surgir em qualquer outro documento, mas na obra *O Cérebro Masculino*, por exemplo, devido a termos iguais surgirem várias vezes, havia também uma repetição do mesmo erro do OCR.

- Confusão entre caracteres como, por exemplo, o *b* e o *h*, o *c* e o *e*, o *r* e o *s*, o *i* e o *l*; *m* em vez de *n*, ou vice-versa; *rn* em vez de *m*; a junção dos caracteres *Li* se tornar *U*; o *L'* torna-se *T*; etc.;
- Os caracteres serem substituídos por símbolos: o *l* por */*; o *K* por *I<*; o *M* por *|V|*; o *i* por *!*; etc.;
- Confusão entre números e caracteres: 0 com o O; o 1 com o i ou l;
- Confusão entre símbolos: << ou >> em vez de « ou ».

Depois da correção de todas as deformações causadas pelo OCR, corre-se o FLIP ou o revisor do Word para a deteção de potenciais gralhas que tenham passado despercebidas numa primeira leitura e na anterior revisão.

Nesta primeira fase, são ainda substituídos os hífenes por travessões, são eliminados os duplos espaços e qualquer pontuação que esteja incorreta.

Depois de tudo isto, as obras puderam seguir para paginação e, posteriormente, para impressão. No entanto, há obras editadas pela Alêtheia Editores que após o procedimento do OCR são revistas novamente antes de seguirem para impressão. Isto acontece devido à possibilidade de não serem primeiramente detetados todos os erros de leitura de um OCR. Ao ser revista de novo, garante-se que a obra a ser tratada esteja completamente correta.

## **4.2. Revisão**

Antes de abordar os processos de revisão que desempenhei ao longo do estágio, julgo pertinente tecer algumas considerações sobre o processo de revisão, o seu papel na produção do livro e a importância do revisor.

### **4.2.1. Conceito de revisão e a sua importância no percurso do livro**

A revisão não é uma ciência exata e é um dos processos mais importantes no percurso de produção de um livro. É nesta fase que alguém, que não o autor, olha para o texto e não para a sua ideia, pela primeira vez, de uma forma crítica.

Segundo Públio Athayde (2012), a revisão de texto é «o conjunto das interferências não autorais no texto visando sua melhoria. Trata-se da reconsideração alheia a um texto original. As mudanças introduzidas desta reconsideração podem atingir palavras, frases ou parágrafos e ocorrem por supressões, inclusões, inversões ou deslocamento» (2012: 11). Ou seja, a revisão é a leitura de um texto por alguém que não é o seu criador, e que tem como objetivo a melhoria deste através do levantamento e registo dos «erros».

Quando falamos de erros em revisão, não nos cingimos às palavras escritas incorretamente, mas englobamos neste termo os erros ortográficos, gramaticais, de coerência, de coesão e até de conteúdo.

O objetivo do levantamento de erros e aperfeiçoamento e melhoramento do texto é que este possa ser lido por qualquer pessoa, tendo ela conhecimento do assunto tratado ou não.

Na mesma linha de raciocínio, grande parte dos autores entende que a revisão é uma atividade em que há uma leitura com uma abordagem crítica de um texto, reforçando a ideia de que os hábitos de leitura são extremamente importantes no ato de revisão.

A leitura é a base da revisão, é o elemento principal deste trabalho. É preciso estar disposto a ler, parar, pensar, analisar, buscando muitas vezes mais informações e mais leituras sobre o assunto para que se possa entender a verdade absoluta do texto lido, a real intenção do autor e do texto. A revisão de texto só existe por meio da leitura. O revisor recebe o trabalho e passa todo o tempo voltado ao entendimento do que está ali escrito. Não há como separar esses dois elementos, leitura e revisão, é a partir da leitura que existe a revisão, é por meio dela que se abriu caminhos para que profissionais pudessem trabalhar com a revisão textual. Portanto, entende-se a leitura

não como *versus* revisão, entende-se a leitura como soma e base deste trabalho. (Rosa e Gonçalves, 2013: 11)

Há ainda estudiosos que veem a revisão como um processo e um produto. É um processo porque abrange inúmeros procedimentos, técnicas e escolhas aquando da execução do mesmo. É considerada um produto porque é o resultado de algo feito anteriormente, ou seja, a revisão é o produto final de um texto.

Desta forma, podemos entender que ao longo da sua execução há inúmeras escolhas que têm de ser feitas, dando origem a um produto extraído de uma leitura.

A revisão deve ainda ser encarada como uma prática de linguagem e atividade social, pois, como dito anteriormente, não é só a gramática que é analisada durante este processo. A produção linguística de um texto tem que ver com a finalidade que se pretende, o tipo de mensagem que se quer passar através dela. Desta forma, a revisão está sujeita aos condicionalismos e especificidades que resultam do contexto social em que o texto se insere, ou seja, está subjugada ao tema e ao ponto de vista descrito no texto, o público-alvo e o seu impacto na sociedade. O revisor tem de analisar o interior de um texto, as várias perspetivas que podem ser extraídas deste, assim como o seu exterior e perceber aquilo que ele vai refletir socialmente. No entanto, se alguns autores acham que a revisão resulta do contexto social em que se insere, outros encaram-na como uma prática social, interativa e dialógica (Pereira, 2016: 11).

Existem vários tipos de revisão como, por exemplo, revisão de tradução; revisão de provas; revisão linguística; revisão de normalização; revisão tipográfica; revisão técnica; revisão de conteúdo; revisão temática e revisão académica. (Pereira 2016: 14, 15)

Durante o processo de revisão é ainda necessário prestar atenção à macro e à microestrutura do texto. A macroestrutura vai corresponder ao conteúdo global do texto, ou seja, à ideia que é descrita através de uma sequência. Por outro lado, a microestrutura textual, composta por várias unidades que compõem o texto, vai ajudar na coesão da ideia geral, a macroestrutura. Desta forma, parte-se da análise da ideia como um todo, e só depois se analisa o texto do ponto de vista linguístico, pois só assim se garante que a mensagem que o autor quer transmitir passa adequadamente para o leitor. Desta forma, durante a revisão é necessário ter em conta o género textual e todas as suas características.

Pereira (2016: 12) afirma também que além de ter atenção ao que está escrito, o revisor deve ter também em consideração o autor, pois a obra que está a analisar é fruto da criação

de alguém, e terá de transmitir a mensagem desse autor. Por isso, mais do que respeitar o texto, o revisor precisa de respeitar o autor, o seu estilo, a sua ideologia e a sua intenção comunicativa.

Além de tudo isto, a revisão engloba ainda o aspeto gráfico do texto, tal como dito por Macedo (2013), pois segundo as suas palavras existe uma narrativa visual no grafismo de uma obra:

(...) [as] estruturas da realidade. Ao contrário, devem ser vistas como poderosas formas de criação de significados por meio de estruturas sintáticas visuais. Estruturas visuais produzem imagens da realidade alinhadas a interesses de instituições sociais no âmbito das quais elas são produzidas, circuladas e lidas. Imagens devem ser vistas como ideológicas, e não como meramente ilustrativas, pois têm importante dimensão semântica. Por isso, para o revisor, manter-se alheio à questão é alijar-se das mudanças discursivas do século XXI, assumindo uma postura alienada, e não crítica e multifacetada. (Macedo, 2013: 164)

Há, portanto, vários elementos que devem ser tidos em conta durante o processo de revisão para além da ortografia e da gramática, tais como: o contexto em que a publicação se insere, assim como a sua produção; o suporte em que o texto será publicado; a área temática em que este texto está inserido; a circulação e receção da mensagem.

A revisão, como já foi dito, é um processo de leitura que se realiza entre o autor e o revisor. Apesar de a relação entre o autor e o revisor não ser evidente para o leitor, existe um relacionamento interativo entre os dois, pois, apesar de o revisor fazer a revisão do texto, a inserção das emendas e/ou sugestões de alterações no mesmo é sempre decisão do autor. Por causa disto, a revisão é inserida no contexto social e multimodal, pois encara o texto como um todo e não frase a frase. Desta forma, ele é visto como uma ideia e não apenas como um conjunto de frases isoladas. Assim, é possível analisar a forma de escrita do autor, o tipo de texto e o público a quem ele se dirige. A análise potencia assim o aperfeiçoamento do texto, aumentando a sua qualidade, para que o leitor não tropece constantemente em gralhas e incongruências, e que consiga compreender a mensagem que este transmite. Durante este processo, o revisor terá sempre de ter em conta a ideia original do autor sem deturpar aquilo que ele escreveu, pois tal como foi referido por Saramago em *A História do Cerco de Lisboa*, uma palavra introduzida pelo revisor pode alterar toda uma ideia e o sentido da história.

O protagonista deste livro, Raimundo Silva, faz a revisão de um livro de historiografia sobre o episódio do cerco de Lisboa. O revisor, intencionalmente, insere um «não» no texto em que trabalha. Com esse «não», o revisor protagonista muda a versão oficial sobre o auxílio dos Cruzados a D. Afonso Henriques na Reconquista de Lisboa, passando a afirmar que os Cruzados não ajudaram o rei no cerco à cidade moura.

(...) é evidente que acabou de tomar uma decisão, e que má ela foi, com a mão firme segura a esferográfica e acrescenta uma palavra à página, uma palavra que o historiador não escreveu, que em nome da verdade histórica não poderia ter escrito nunca, a palavra Não, agora o que o livro passou a dizer é que os cruzados Não auxiliarão os portugueses a conquistar Lisboa, assim está escrito e portanto passou a ser verdade, ainda que diferente, o que chamamos falso prevaleceu sobre o que chamamos verdadeiro, tomou o seu lugar, alguém teria de vir contar a história nova, e como. (Saramago, 1989, p. 50)

#### **4.2.2. O revisor**

O revisor é aquele que contacta com um original de um autor ou uma tradução pela primeira vez, assumindo o papel de consumidor final do texto, mas com uma posição de distanciamento e de crítica em relação ao mesmo. Ele deve ter conhecimento de todos os géneros textuais e literários existentes, de forma a tornar o processo da revisão mais fácil para si e poder ajudar o autor a melhorar o seu manuscrito.

O objetivo do revisor não é reescrever o texto, mas sim melhorá-lo e aperfeiçoá-lo, mantendo-se na invisibilidade. Alguns autores pensam que o revisor tem a função de reescrever um texto que não esteja bom, no entanto essa não é a sua função, pois ele não pode fazer *editing*. Ou seja, o seu papel não pode ser encarado como a possibilidade de ser coautor ou retradutor. Quem está a rever não tem qualquer legitimidade para alterar o sentido de uma ideia numa obra ou fazer alterações numa tradução que não esteja benfeita. Quando uma tradução está má, o revisor deve alertar para que o texto seja traduzido de novo ou corrigido. Quanto à alteração em originais, independentemente de não concordar com a ideia que está presente no texto, este deve assumir uma posição neutra em relação ao que tem em mãos.

No entanto, apesar de o revisor ter o dever de melhorar um texto, as suas alterações estão sempre dependentes da decisão do autor, pois é ele que tem a paternidade do mesmo. Esta relação que existe entre o autor e o texto pode dificultar o trabalho do revisor, pois nem todos

os autores aceitam que aquilo que escreveram seja alterado por outra pessoa, mesmo que seja numa tentativa de o melhorar. Por isso, durante o processo de revisão, tanto o autor como o revisor devem ter em conta que todas as alterações que o revisor assinala, exceto gralhas e erros gramaticais graves como, por exemplo, a colocação de vírgula entre o sujeito e o predicado, são apenas sugestões. O revisor ao sugerir alterações deve ter o cuidado de explicar ao autor a razão pela qual elas devem ser feitas e como podem contribuir para uma maior clareza do texto. Por esta razão, é necessário que o autor e o revisor mantenham um diálogo aberto durante o processo de revisão.

O revisor assume também a função de mediador entre o autor e o leitor, pois tem o dever de facilitar a leitura daquele que será o consumidor final da obra.

Por fim, a sua função é a de detetar erros; detetar problemas de interpretação; omissão de palavras ou de partes do texto; detetar problemas de grafismo do texto; ter atenção às incoerências e aos desvios da norma linguística, tendo sempre em conta que existe variação. O revisor não deve ser intrusivo, ou seja, não deve haver sinais da sua intervenção, respeitando sempre o estilo de escrita do autor, adaptando-se ao mesmo sem o alterar.

Normalmente, quando este está integrado numa casa editorial, seja ela uma editora, um jornal, uma revista, uma empresa, etc., essa tem as suas próprias normas no que diz respeito à revisão. Quando estas existem, o revisor deve segui-las escrupulosamente. Por outro lado, quando a casa editorial para a qual o revisor está a trabalhar não possui normas específicas, o revisor tem uma maior liberdade sobre como fazer a revisão de um texto. Assim, pode seguir as normas gerais que se encontram nos manuais de revisão ou seguir aquele que é o estilo de escrita do autor ao longo do texto e intervir apenas quando é indispensável.

#### **4.2.3. A revisão de obras na Alêtheia Editores**

Durante o meu estágio na Alêtheia foram várias as obras que tive a oportunidade de rever. Passarei então a descrever como se processa a revisão de uma obra numa editora.

Em teoria, a revisão numa editora deve sempre processar-se em três fases: uma revisão em Word (revisão primária); uma revisão em papel (revisão secundária); e, por fim, uma revisão em PDF (revisão de provas). Antes de se perceber o porquê de nem sempre o processo ocorrer desta forma, irei descrever cada uma destas revisões.

A revisão primária consiste na preparação do original para paginação. Se for em obras originais, apenas se faz uma leitura do texto, em que se detetam os primeiros problemas, como, por exemplo, gralhas, problemas de pontuação, repetições, incoerências normativas, etc. Por norma, utilizam-se as ferramentas disponíveis nos processadores de texto para auxiliar nesta tarefa. Se a obra for digitalizada, faz-se o processo que já foi descrito no primeiro subcapítulo deste ponto. Esta revisão pode ser feita com *track changes* ou através de balões de comentário.

A revisão secundária é feita no texto já paginado e impresso. A leitura em papel permite ao revisor ler o texto com mais concentração. Desta forma, é possível detetar com maior rigor e clareza os problemas gramaticais do texto; a mensagem que o autor pretende transmitir e a forma como organiza as ideias. Esta revisão é feita através de sinalética apropriada que permite que o paginador entenda aquilo que o revisor pretende. É durante esta revisão que podem surgir e se sugerem as alterações ao texto. Na Alêtheia, a revisão em papel não é obrigatória, a não ser que haja alguma coisa que a justifique primeiramente. Quando a obra já se encontra em domínio público, esta fase da revisão pode não ser feita em papel, sendo logo realizada em PDF. Por vezes, na Alêtheia, é em PDF que se faz esta revisão do texto mais aprofundada. Contudo, todas as emendas feitas em papel têm de ser inseridas num documento PDF para serem enviadas para os paginadores da Várzea da Rainha Impressores.

A terceira fase é a revisão feita em PDF, já depois de o texto estar paginado. Nesta etapa pode não haver a revisão do texto em si, mas a confirmação de que todas as emendas propostas, tanto pelo autor como pelo revisor, foram devidamente inseridas, que não existem quebras de página ou de parágrafo, que as hifenizações estão benfeitas, evitando assim espaçamentos anormais entre palavras. No documento PDF verificam-se também se os números de página estão corretos, se as páginas dos índices estão corretos, assim como as notas de rodapé, os cabeçalhos e a mancha do texto.

É preciso salientar que, por vezes, devido à complexidade do texto, por exemplo, podem ser necessárias mais do que três revisões de uma obra e que pode haver mais do que um revisor, principalmente quando existem revisão linguística e revisão técnica. A revisão técnica é feita por um revisor de uma área específica que analisa os conteúdos do texto.



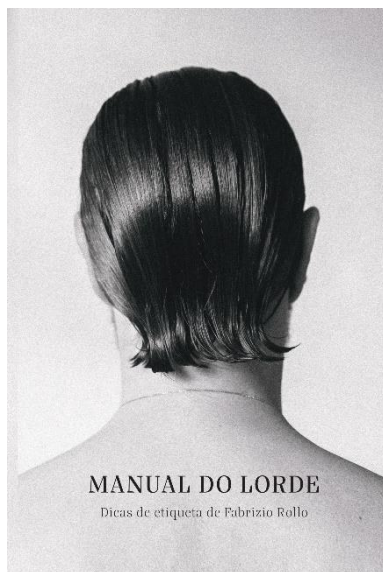
Para além destas revisões, existe ainda a revisão em ozalides. Nesta etapa fazem-se os testes de cor e as últimas revisões. Os ozalides são a última prova do texto antes de este ser impresso.

Ao longo do estágio, procedi à revisão de catorze obras: *O Lobo e a Hiena*; *A Balança da Europa*; *Ao Sabor da Bíblia*; *O Que Fazer*; *Manual do Lorde*; *Teoria Política e Geoestratégica*; *São Tomé – Labirinto Verde*; *O Retrato de Dorian Gray*; *O Escândalo do Padre Brown*; *Os Médicos, a Ópera e a História*; *A Quinta da Alegria*; *Mistério no Oriente*; *Há Monstros no Túnel* e *Mitos Egípcios*.

No entanto, na sua maioria não acompanhei todo este processo acima descrito. Por norma, o texto chegava até mim já paginado. Apenas fiz a revisão em Word de *Mitos Egípcios*, de *O que Fazer* e na obra *São Tomé – Labirinto Verde*. Neste último, a revisão foi feita no Word porque o número de emendas era demasiado extenso, tornando assim mais fácil a repaginação do livro do que a inserção manual de todas as emendas. Só nas obras *Ao Sabor da Bíblia*, *O Lobo e a Hiena* e *A Balança da Europa* é que fiz revisão em papel através de sinalética. Em todas as outras obras, a revisão foi feita diretamente no ficheiro PDF. É de salientar ainda que muitas vezes apenas efetuei uma segunda revisão ao texto, pois ele chegava até mim já paginado e com uma revisão prévia já feita.

A revisão que fiz destas obras foi, na sua maioria, revisão linguística. Para a elaboração deste relatório, escolhi as obras *Manual do Lorde*; *A Quinta da Alegria*; *Ao Sabor da Bíblia*; *O Retrato de Dorian Gray* e *São Tomé – Labirinto Verde*. Com esta seleção pretendo demonstrar vários tipos de obras com diferentes abordagens na sua revisão.

#### 4.2.3.1. *Manual do Lorde* (2017)



**Figura 1** – Capa do livro *Manual do Lorde*

O *Manual do Lorde* foi a primeira obra em que trabalhei quando cheguei à Alêtheia Editores. Trata-se de um livro de Fabrizio Rollo com regras de etiqueta para homens. Originalmente, o livro foi editado no Brasil, e quando a Alêtheia Editores comprou os direitos da obra tentou adaptá-lo do português do Brasil para o português europeu. Chamamos-lhe adaptação, porque apesar de o português do Brasil ser uma variante do português, esta é muito diferente da variante falada em Portugal.

Estas duas variantes têm diferenças significativas ao nível da sintaxe, morfologia, léxico, semântica, grafia, fonologia, etc.

Quando Pedro Álvares Cabral descobriu as terras de Vera Cruz, segundo Evanildo Bechara, na *Moderna Gramática do Português* (2016: 13), o português europeu encontrava-se no estágio de português arcaico-médio que vai desde a primeira metade do século XV até à primeira metade do século XVI.

Este português europeu, agora falado no Brasil, vai aos poucos assumindo contornos específicos, principalmente fonéticos e fonológicos, afastando-se da variante que se falava em Portugal. Por outro lado, havia a língua dos colonizados, as várias línguas indígenas, principalmente o Tupi (Teyssier, *História da Língua Portuguesa*, 63), e as línguas que eram faladas pelos escravos que foram levados para o Brasil. Mesmo depois de o português ter sido constituído como língua oficial do Brasil, e serem proibidos os usos de todas as outras,

as línguas indígenas e as línguas dos escravos continuaram a estar presentes no português do Brasil, pois este já tinha integrado algum do léxico destas línguas.

Ao analisarmos mais aprofundadamente a variante brasileira do português, constatamos que existem inúmeros arcaísmos do português europeu do século XV. Percebemos ainda que o léxico dessa variante corresponde ao léxico utilizado no centro-sul de Portugal. Isto não quer dizer que não tenham partido para o Brasil colonos do Norte de Portugal, mas sim que eram uma minoria, o que fez com que não tivessem impacto nesta nova variante que se estava a formar.

Existem vários elementos que nos fazem perceber que estamos a ler um texto vindo do Brasil. Para este relatório interessam apenas as diferenças lexicais, sintáticas, morfológicas e semânticas que existem entre o português do Brasil e o português europeu, e, por isso, será nessas que me vou centrar. Na tabela seguinte irei mostrar algumas das diferenças que existem entre as duas variantes, e que correções fiz para que o texto ficasse em português europeu.

	<b>Variante brasileira</b>	<b>Variante europeia</b>
<p><b>Utilização do gerúndio</b></p> <p>Na norma do português europeu, esta forma verbal também existe. No entanto está cada vez mais em desuso, sendo utilizada maioritariamente no interior do país, nomeadamente na região do Alentejo, ao contrário do que acontece no Brasil.</p>	<p>«(...) de revista <b>lambendo</b> os dedos (...)»</p>	<p>de revista <b>a lambem</b> os dedos</p> <p>No português europeu usa-se, por norma, o infinitivo (estar a + infinitivo) em vez do gerúndio.</p>
<p><b>Próclise dos pronomes pessoais (antes do verbo)</b></p> <p>Na variante europeia do português, os pronomes surgem, na maioria das</p>	<p>«Não sigo muitas regras, pois <b>as crio.</b>»</p>	<p>Não sigo muitas regras, pois <b>crio-as.</b></p>

vezes em ênclise (depois do verbo), havendo contextos em que é possível que no português europeu haja próclise.		
<b>Omissão do determinante antes de um substantivo/pronome</b> Em Portugal, esta omissão é considerada um erro.	«(...) que entra <b>com animal</b> de estimação (...)»	que entra <b>com o animal</b> de estimação
<b>Utilização da preposição «em» sem qualquer contração</b>	«(...) na cabana <b>em</b> meio à floresta.»	na cabana <b>no</b> meio da floresta. Na variante europeia faz-se a contração da preposição «em» com os determinantes o/a/os/as/um/uma/uns/umas, o que resulta, em alguns contextos, nas preposições no/na/nos/nas/num/numa/nuns/numas.
<b>Forma de tratamento</b> No Brasil, a forma de tratamento mais comum é o uso de «você». Já em Portugal o «você» está, socialmente, a cair em desuso. A forma de tratamento utilizada mais comumente é o «tu», e em situações de comunicação em vez de «vou com você» diz-se «vou consigo».	«Por que <b>você</b> me empurrou?»	«Por que é que me empurrou?» ou «Por que é <b>tu</b> me empurraste» são hipóteses para a correção desta frase, dependendo da relação de intimidade entre os intervenientes.
<b>Léxico diferente</b>	«Detalhe: só uso no <b>banheiro.</b> »	Detalhe: só uso na <b>casa de banho/quarto de banho.</b>
	«Atenção com <b>bolsas, sacolas</b> ou mochila (...)»	Atenção com <b>malas, sacos</b> ou mochila

	«Se você atravessa fora da <b>faixa de pedestres</b> , ao menos faça-o em linha reta (...) numa tribo, num <b>vilarejo</b> e não numa <b>megalópole</b> ».	Se você atravessa fora da <b>passadeira</b> , ao menos faça-o em linha reta (...) numa tribo, numa <b>aldeia</b> e não numa <b>metrópole</b> .
<b>Uso de estrangeirismos</b> , que não são utilizados em português europeu.	«Diga <b>toilette</b> ou banheiro social (...)».	Diga <b>casa de banho/quarto de banho</b>
	«(...) estreei meu <b>dinner jacket</b> de veludo rubi YSL (...)». (Em português europeu não temos a expressão <i>dinner jacket</i> , que também não foi traduzida, mantendo-se assim a versão original.)	Manteve-se o original na versão em português europeu.
	«E não é que a <b>garçonete</b> veio ao meu lado, (...)».	E não é que a <b>empregada de mesa</b> veio ao meu lado
<b>Grafia diferente</b>	efêmeras	efémeras
	loteria	lotaria
	Vênus	Vénus
	higiênico	higiénico

**Tabela 1** – Diferenças entre as variantes do português do Brasil e do português europeu.

Devido à complexidade desta revisão, optou-se, depois de alguns capítulos já revistos, por se publicar a obra no seu idioma original, o português do Brasil. Assim, como os autores portugueses são publicados no Brasil com a sua variante materna, seguiu-se o mesmo raciocínio para o *Manual do Lorde*. Desta forma, a Alêtheia publicou o livro de Fabrizio Rollo em português do Brasil no nosso país.

#### 4.2.3.2. A Quinta da Alegria

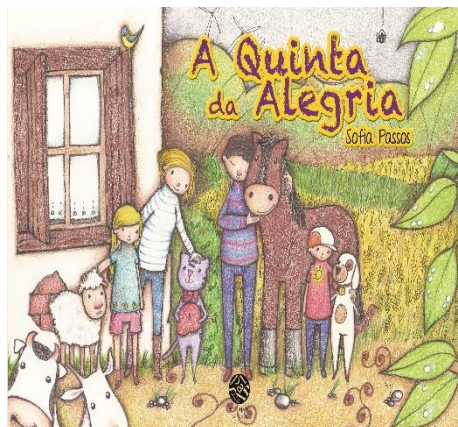


Figura 2 – Capa do livro *A Quinta da Alegria*

*A Quinta da Alegria* é um livro infantil editado pela Sinapis, que até à data do término do meu estágio ainda não tinha sido publicado, não sabendo assim se as sugestões de alteração foram aceites ou não pela autora. Neste livro é retratada a história da gata Violeta.

Por ser um livro infantil, esta obra obrigou a uma leitura atenta para que se pudesse perceber se o texto escrito se adequava ao seu público-alvo. Em relação ao texto, não havia nada a apontar em termos de vocabulário, tratando-se as correções apresentadas de sugestões que poderiam estar presentes em qualquer obra, fosse ela para que público-alvo fosse.

No entanto, o tipo de letra utilizado neste livro não tinha boa leitura. Assim, apresentei a sugestão de ser alterado o tipo utilizado, pois aquele que era proposto não permitia a distinção entre os itálicos e a fonte normal.

É este "não perceber" desliga-as de realidades fundamentais.  
No meu livro *Silvestre cultiva flores e amores*, eu procuro lembrar como é importante sabermos a linguagem verde das plantas, cultivarmos nem que seja um feijão, ou um

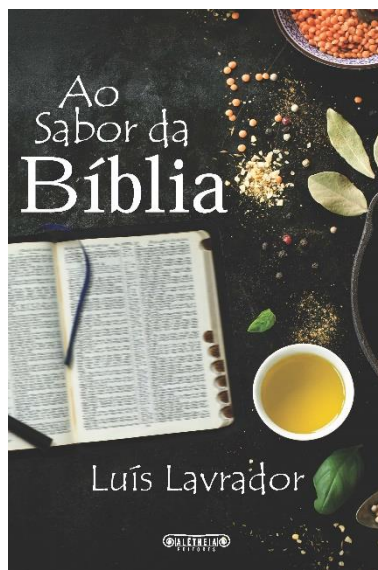
Figura 3 – Imagem do miolo do texto *A Quinta da Alegria*

Para além disto, os pontos finais em frases terminadas com a letra «a» eram impossíveis de distinguir.

numa pintura. A temperatura estava tão agradável, que Violeta tinha vontade ronronar, mesmo a caminhar. E isso ela sabia que não era boa ideia.  
– "Nada dá mais sono do que ronronar!" – Pensou divertida.

Figura 4 – Imagem do miolo do texto *A Quinta da Alegria*

#### 4.2.3.3. *Ao Sabor da Bíblia* (2017)



**Figura 5** – Capa do livro *Ao Sabor da Bíblia*

A obra *Ao Sabor da Bíblia* foi escrita por Luís Lavrador, o cozinheiro da Seleção Nacional. Este livro está dividido em duas partes. Na primeira há uma explicação histórica da comensalidade desde os primeiros tempos até à implementação do cristianismo. A segunda parte é constituída por receitas com ingredientes que fazem parte da Bíblia.

O primeiro passo foi a revisão em papel, em simultâneo com a revisão em PDF. Ao longo deste processo, tive de ter em atenção o uso do Acordo Ortográfico, pois o autor utilizava o Acordo de 1945, mas por vezes apareciam palavras já com o Acordo de 1990, como, por exemplo:

- Pera em vez de pêra;
- João Batista em vez de Baptista;
- Autoafirmar em vez de auto-afirmar;
- Confeccionar em vez de confeccionar.

Na primeira parte do livro, houve ainda a uniformização do nome «Abigaíl», que tanto estava escrita com o acento no «i» como sem acento, optando-se assim pela forma acentuada. Outra uniformização aconteceu com a palavra «Páscoa» escrita tanto com o «p» em caixa

alta como em caixa baixa, optando-se pela versão com caixa alta, pois estas épocas festivas são escritas desta forma.

Já na segunda parte, as preocupações não foram tanto ao nível da linguística, mas sim da uniformização.

Uma das uniformizações realizadas foi as unidades de medida utilizadas. O autor usava frequentemente a medida de quilogramas (0.5kg de alface; 0,400kg de lentilhas, etc.) e para facilitar a compreensão das receitas, e porque grama é a medida geralmente utilizada, passei todos os valores de quilogramas para gramas. O mesmo aconteceu com as medidas que estavam em litros que foram todas colocadas em decilitros, por exemplo 2 litros de água passou para 20 decilitros de água, 0,250 litros de leite passou a estar representado por 2,5 decilitros de leite. Ainda dentro das unidades de medida, quando estas se encontravam como 2.5dl, por exemplo, foram corrigidas para 2,5dl.

Houve ainda a correção da forma como a temperatura estava escrita. As temperaturas na descrição das receitas tanto surgiam como 200°C ou como 180°C. Estas temperaturas foram uniformizadas para, por exemplo, 180 °C, pois é esta a forma usualmente utilizada para descrever os graus, sejam eles centígrados ou de outra unidade.

No modo de preparação das receitas foram ainda colocadas por extenso as unidades de medida de massa (g para gramas), de volume (dl para decilitros) e de tempo (m passou para minutos). Por outro lado, os números que estavam por extenso passaram para algarismos (dois passou para 2, por exemplo).

Na lista de ingredientes, passei os ingredientes que estavam em caixa alta para caixa baixa, por exemplo, 18 Ovos foi corrigido para 18 ovos ou 1 Molho de coentros que ficou 1 molho de coentros. Ainda nas listas de ingredientes, ocorria com frequência os números estarem afastados das unidades de medida, por exemplo, 200 g ou 1 dl. Quando isto acontecia, procedi sempre à colocação das unidades de medida junto dos algarismos.

Estes ajustes, para além de darem coerência ao texto, fizeram com que graficamente o livro ficasse mais bonito, pois, desta forma, não existiam vários estilos gráficos ao longo das receitas. Isto permite também uma melhor interpretação das receitas por parte do leitor, porque passaram a ser utilizados termos e formas de representação de medidas que surgem no dia-a-dia de quem cozinha.



#### 4.2.3.4. *O Retrato de Dorian Gray* (2018)

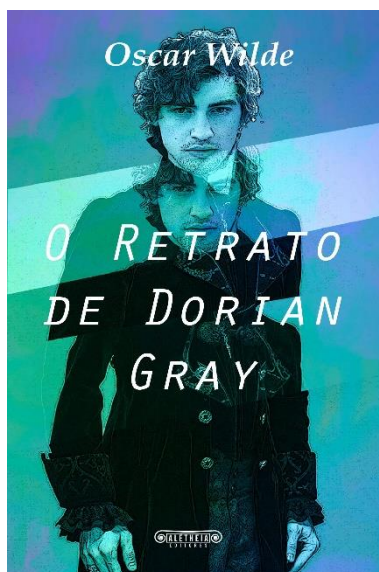


Figura 6 – Capa do livro *O Retrato de Dorian Gray*

*O Retrato de Dorian Gray* chegou até mim como OCR, ou seja, eu só tinha de preparar a obra para paginação, pois havia uma edição prévia, que já tinha sido revista. No entanto, enquanto procedia à limpeza, apercebi-me da existência de inúmeros erros ortográficos.

Na tabela seguinte, irei referir os principais erros que existiam nesta obra.

Erro	Como estava no texto	Correção	
<b>Acentuação circunflexa da sílaba subtónica de palavras terminadas em -mente</b> A sílaba subtónica só existe em palavras derivadas, e é a tónica da palavra primitiva. Nesta obra, temos a acentuação incorreta de palavras terminadas em -mente, que sem essa terminação possuem acentuação circunflexa.	lânguidamente	languidamente	Este tipo de erro ocorre devido ao facto de na palavra primitiva esta sílaba ser acentuada, o que gera confusão quando esta terminação é acrescentada, ocorrendo estes erros ortográficos.
	esplêndidamente	esplendidamente	
	cortêsmente	cortesmente	
	momentâneamente	momentaneamente	
	sómente	somente	
	públicamente	publicamente	
	últimamente	ultimamente	

<b>Acentuação errada de palavras com sílaba tónica grave</b>	árte	arte	
<b>Erros ortográficos</b>	venesianos	venezianos	
	instingue	instigue	

**Tabela 2** – Exemplos de erros ortográficos na obra *O Retrato de Dorian Gray*

Após uma primeira revisão de limpeza destas gralhas, fiz uma outra mais profunda, em que mudei inúmeros termos da edição anterior, pois tratava-se uma edição antiga, com português das décadas de 50/60. Assim, e a pedido da editora, substituí palavras que estão a cair em desuso, ou que já não se utilizam de todo, na norma padrão do português europeu, por outras mais atuais, de forma a facilitar a leitura. No entanto é importante ressaltar que algumas das palavras substituídas podem estar presentes no léxico de algumas regiões do país, de alguns estratos sociais e de pessoas de certas faixas etárias.

<b>Substituição do verbo «haver» pelo verbo «ter»</b> , pois o verbo haver como auxiliar está a cair em desuso.	«(...) há alguns anos atrás <b>havia</b> causado (...)»	«(...) há alguns anos atrás <b>tinha</b> causado (...)»
	«Nós só nos <b>havíamos</b> encontrado uma vez, (...)»	«(...) Nós só nos <b>tínhamos</b> encontrado uma vez, (...)»
	«(...) e as folhas <b>haviam-lhe</b> desfeito os anéis do cabelo (...)»	«(...) e as folhas <b>tinham-lhe</b> desfeito os anéis do cabelo, (...)»
<b>Substituição da palavra «mocidade» pela palavra «juventude»</b>	«Porque tem a mais maravilhosa <b>mocidade</b> , e a <b>mocidade</b> é a única coisa que vale a pena ter.»	«Porque tem a mais maravilhosa <b>juventude</b> , e a <b>juventude</b> é a única coisa que vale a pena ter.»
	«Ah! utilize a sua <b>mocidade</b> , enquanto a tem!»	«Ah! utilize a sua <b>juventude</b> , enquanto a tem!»
	«A nossa <b>mocidade</b> , porém, é que nunca reverdece.»	«A nossa <b>juventude</b> , porém, é que nunca reverdece.»

<b>Substituição do verbo «quedar-se» pelo verbo «ficar», pois quedar-se encontra-se em desuso na variante europeia do português.</b>	« <b>Quedou-se</b> alguns minutos a contemplar o cadáver.»	« <b>Ficou</b> alguns minutos a contemplar o cadáver.»
	«Ela não respondeu logo; <b>quedou-se</b> pensativa a contemplar a paisagem.»	«Ela não respondeu logo; <b>ficou</b> pensativa a contemplar a paisagem.»
	«(...) enquanto nós, como duas crianças, nos <b>quedávamos</b> a olhar um para o outro.»	«(...) enquanto nós, como duas crianças, <b>ficávamos</b> a olhar um para o outro.»
<b>Outras substituições de palavras que estão a cair em desuso na norma padrão do português europeu</b>	«Ela, é claro, <b>enamorar-se-ia</b> dele, e ele dela, casariam (...)»	«Ela, é claro, <b>apaixonar-se-ia por ele</b> , e ele por ela, casariam (...)»
	Todavia, não era só isto o que o entristecia e <b>acabrunhava</b> .	Todavia, não era só isto o que o entristecia e <b>apoquentava</b> .
	<b>Confrangia-o</b> deixar a sua casa.	<b>Angustiava-o</b> deixar a sua casa.

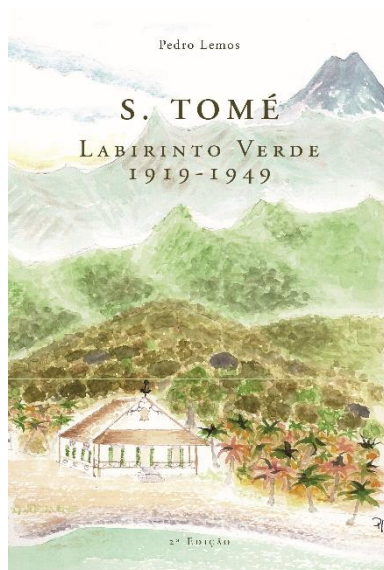
**Tabela 3** – Exemplos de substituições de léxico na obra *O Retrato de Dorian Gray*

As línguas faladas num determinado país ou região sofrem variações, entre elas as temporais ou geográficas, os chamados dialetos. Apesar de haver uma base comum, o português falado no Norte do País é diferente daquele que é falado na zona da Beira Baixa, por exemplo. Na oralidade, essas diferenças denotam-se na fonética e na fonologia de certos sons, mas também poderá haver diferenças no campo lexical e semântico. Para além da variação geográfica de uma língua, temos também a variação temporal, pois uma língua sofre alterações com o passar dos anos. Essas alterações são muitas vezes influenciadas pela oralidade, ou seja, pela forma como os sons se vão transformando e passando a ser pronunciados ao longo dos séculos.

Como uma língua está em constante mutação, há sempre palavras novas a surgir, sejam elas criadas «espontaneamente» dentro da própria língua ou por empréstimos de outras, que depois são aportuguesadas e entram no nosso léxico. Ao mesmo tempo que há palavras novas a surgir, há outras que caem em desuso, como os exemplos mencionados acima, ou que

sofrem, socialmente, alterações no seu significado como, por exemplo, a palavra «borracho». Esta palavra está dicionarizada e define uma raça de pombos ou um homem bêbedo. No entanto, ao longo dos anos tem vindo a sofrer variações semânticas, servindo também para caracterizar qualitativamente a aparência de um rapaz ou de uma rapariga.

#### 4.2.3.5. *São Tomé – Labirinto Verde* (2017)



**Figura 7** – Capa do livro *São Tomé – Labirinto Verde*

*São Tomé – Labirinto Verde* é uma segunda edição de um livro da Sinapis Editores. Trata-se de uma segunda edição porque o autor já tinha imprimido anteriormente este texto através da Sinapis, mas sem que este tivesse sido revisto. Primeiramente, seguindo o acordo de 1945, por ser aquele em que o texto estava escrito, comecei por fazer a revisão diretamente no PDF já paginado. No entanto, devido aos inúmeros erros que a obra apresentava, optou-se por fazer a revisão no Word e paginar o texto de novo.

Como já dito anteriormente, o texto apresentava inúmeras situações que necessitavam de ser alteradas. A orientação que me foi dada foi para que me centrasse mais na revisão de erros ortográficos do que na correção frásica.

Uma das questões que corrigi com maior frequência neste miolo foi a colocação dos sinais de pontuação, que estão em final de frase, em particular o ponto de exclamação e de interrogação, afastados da última palavra.

Na tabela seguinte enuncio as principais alterações efetuadas no texto.

<b>Eliminação de espaços entre a palavras e pontuação em final de frase</b>	limpo !	limpo!
	cargo ?	cargo?
	prova !	prova!
	Ossobó !	Ossobó!
	difícil ?	difícil?
	febres ?	febres?
<b>Eliminação de espaços entre palavras e pontuação no meio da frase</b>	persistente ,	persistente,
	esses ,	esses,
	atenção ;	atenção;
	não ;	não;
	corações ;	corações;
	olhe ,	olhe,
<b>Troca entre o «s» e o «z» em final de palavra.</b> Este erro é fruto, muitas das vezes, da existência de palavras homófonas, ou seja, com o mesmo som, e que são grafadas com «z» no final, por exemplo, traz do verbo trazer, e «trás, que está a trás» ou «quiz».	«(...) para <b>traz</b> (...)»	«(...)para <b>trás</b> (...)»
	«os de <b>traz</b> cobrem logo (...)»	«os de <b>trás</b> cobrem logo (...)»
	«(...) havia já deslizado por <b>detraz</b> da porta (...)»	«(...) havia já deslizado por <b>detrás</b> da porta (...)».
	«A primeira edição deste livro que <b>quiz</b> expeditiva (...)»	«A primeira edição deste livro que <b>quis</b> expeditiva (...)»
	«(...) com uma expressão de alívio que não <b>quiz</b> esconder:»	«(...) com uma expressão de alívio que não <b>quis</b> esconder:»
	«(...) porque o destino <b>quiz</b> (...)»	«(...) porque o destino <b>quis</b> (...)»
<b>Acentuação de formas verbais que não podem ser acentuadas por não haver nenhum hiato</b>	recaíu	recaiu
	caíu	caiu
	saír	sair

Um hiato é quando temos duas vogais juntas, mas estas não formam um ditongo.	ía	ia
<b>Falta de acentuação de hiatos</b> , pois regra geral são acentuadas as vogais tônicas «i» e «u» seguidas ou não de «s» precedidas de vogal com a qual não formam ditongo (mas podem formar). O acento serve para distinguir o ditongo do hiato.	substituído	substituído
<b>Acentuação errada de palavras graves</b>	diliciára	deliciara
	estrêla	estrela
	emprêsa	empresa
	pêso	peso
	têr	ter
	vapôr	vapor
	crêche	creche
	escóras	escoras
	moínho	moinho (não pode ser acentuada por o «i» estar em hiato e esta ser seguida de -nh)
<b>Falta de acentuação de sílabas tônicas</b>	heroicas	heróicas (tem de ter acento no ditongo, pois esta é uma palavra grave e o ditongo é aberto)
	consul	cônsul (que tem de ter acento no «ô», por se tratar de uma palavra grave terminada em -l, e assim é acentuada)
	armazens	armazéns

		(tem de ter acento no -éns, por se tratar de uma palavra aguda não monossilábica terminada em -ens)
	juri	júri (que é uma palavra grave terminada em -i e excepcionalmente acentuada)
<b>Palavras que não estavam hifenizadas</b>	auto estrada	auto-estrada
	dia a dia	dia-a-dia
	mão de obra	mão-de-obra
	fim de semana	fim-de-semana
	jardineiro chefe	jardineiro-chefe
	mata bicho	mata-bicho
	alto mar	alto-mar
	caminho de ferro	caminho-de-ferro
<b>Falta de letras</b>	infelizment	infelizmente
	levantament	levantamento
	simplesment	simplesmente
	calmá-lo	acalmá-lo
<b>Palavras com z em vez de s, s em vez de z ou s em vez de c/ç</b>	brazas	brasas
	quizesse	quisesse
	preconisando	preconizando
	realisou	realizou
	dansas	danças
<b>Palavras com u em vez de o</b>	cumum	comum
	concurrência	concorrência
	concorreu	concorreu
<b>Palavras com x em vez de ch</b>	enxarcara	encharcara

**Tabela 4** – Exemplos de erros ortográficos na obra *São Tomé – Labirinto Verde*

Para finalizar, houve ainda a correção de S.Tomense para sã-tomense; de Tráz os Montes, Tràz os Montes ou Trás os montes para Trás-os-Montes; a normalização, consoante o

Acordo de 1945, dos pontos cardeais e das estações do ano e a uniformização de Brasil, que por vezes se encontrava como Brazil.

Durante a revisão deste livro, procedi ainda à inserção de palavras, a maioria das quais eram preposições e determinantes, para melhorar a compreensão do leitor. Estas inserções foram aprovadas pelo autor.

«(...) à memória do meu Pai e minha Mãe (...)»	«(...) à memória do meu Pai e <b>da</b> minha Mãe (...)»
«À Malila e Lena (...)»	«À Malila e <b>à</b> Lena (...)»
«(...) e obtido dos Pais autorização para connosco (...)»	«(...) e obtido dos Pais <b>a</b> autorização para connosco (...)»

**Tabela 5** – Exemplos de inserção de palavras na obra *São Tomé – Labirinto Verde*

Por fim, fiz ainda alterações nas componentes sintáticas de algumas frases em que havia conflitos gramaticais.

«(...) sofreu seriamente <b>da</b> consequente omissão de uma revisão do texto.»	«(...) sofreu seriamente <b>com a</b> consequente omissão de uma revisão do texto.»
«(...) através dos campos de milho, já pés nus, para gozar <b>daquele</b> terra doce (...)»	«(...) através dos campos de milho, já pés nus, para gozar <b>daquela</b> terra doce (...)»

**Tabela 6** – Exemplos de alterações nas componentes sintáticas na obra *São Tomé – Labirinto Verde*

Através da revisão deste texto foi-me possível perceber a diferença da qualidade de escrita que existe entre um livro da Sinapis e um da Alêtheia. Vale a pena ressaltar que existem textos da Sinapis Editores que têm boa qualidade, apenas não se inserem no catálogo da Alêtheia e da Ideia-Fixa, ou de outras editoras, pois muitas vezes não são viáveis economicamente para a editora.

Assim, ao compararmos as obras destas três editoras, é possível perceber que os autores da Alêtheia e da Ideia-Fixa enviam originais muito mais limpos, no que diz respeito a gralhas e de estruturas sintáticas erradas, do que a maioria dos autores da Sinapis. Para além disto, a organização das ideias é muito mais bem estruturada num texto da Alêtheia do que em alguns textos da Sinapis. Por vezes, durante a revisão desta obra, tive a dificuldade em entender



aquilo que o autor queria realmente transmitir, pois estava constantemente a corrigir as gralhas do texto em frases longas com pontuação, muitas vezes, inserida de forma incorreta.

Os textos das edições de autor da Sinapis, apesar de todo o mérito que possam ter, falham muitas vezes por não terem uma ideia coerente e de fácil interpretação.

Pelo contrário, em textos da Alêtheia ou da Ideia-Fixa, a forma como as ideias são transmitidas ao leitor é bem conseguida pelo autor, destacando-se dos demais, o que leva a editora a apostar naquele título.

No entanto, isto não quer dizer, tal como foi mencionado acima, que todos os livros editados pela Sinapis sejam assim. Existem títulos com bons conteúdos, apenas não têm espaço nos catálogos das editoras, muitas vezes devido ao mercado editorial existente em Portugal.

### **4.3. Tradução**

Durante o estágio na Alêtheia, tive oportunidade de fazer a tradução do capítulo *The Chief Mourner of Marne* (*O Desolado Marquês de Marne*), de G. K. Chesterton, publicado em 1927. Este capítulo está presente no livro *O Escândalo do Padre Brown*, mas, originalmente, pertence ao *Segredo do Padre Brown*. Apesar de ter sido uma curta experiência, permitiu-me perceber a complexidade do processo de tradução.

A tradução de um texto não é só a tarefa de colocar um texto original na língua de destino, mas é também interpretar o seu significado na língua de origem e produzir um novo texto, numa outra língua. Este novo texto tem de ser o mais fiel possível ao da língua de partida, para que possa ter o mesmo impacto que o autor quer transmitir.

A atividade da tradução é paralela à criação literária, no entanto, a primeira tem como base um texto prévio. Contudo, a tradução literária é uma das muitas versões de um texto, mesmo continuando a ser o texto anterior, por ser o seu reflexo numa outra língua. Assim sendo, a tradução é uma das suas leituras possíveis, pois ele será sempre possível de reescrever noutras versões. (Carvalhal, 1993)

Desta forma, a tradução literária pode ser vista como literatura, porque constitui também um esforço criativo.

Durante o processo de tradução, a maior dificuldade foi arranjar o léxico específico para certos contextos. *The Scandal of Father Brown*, em português *O Escândalo do Padre Brown*, é um livro do início do século XX e, por isso, tem um inglês de época, que apesar de ser

próximo do inglês falado hoje em dia, não deixa de ter as particularidades de um inglês mais antigo. Isto fez com que, por vezes, houvesse mais dificuldade em traduzir certas expressões/palavras.

Para facilitar o processo, foi utilizada uma versão antiga do *Segredo do Padre Brown*, de forma a ir confirmando a minha tradução e a adaptação das expressões e do léxico.

Depois de realizada a tradução, foi feita a revisão deste capítulo por uma outra colega da Alêtheia e uma segunda revisão, mais tarde, realizada por mim. A revisão de outras pessoas é muito importante em situações como esta, pois para nós, autores do texto, tudo o que escrevemos está bem feito, porque o nosso cérebro sabe o conteúdo do que está escrito, e, no momento após a tradução ou conceção do texto, não somos capazes de detetar as gralhas e lacunas existentes.

#### 4.4. Lançamentos



**Figura 8** – Lançamento do livro *A Balança da Europa*

Ao longo do estágio, tive a oportunidade de assistir a vários lançamentos de livros, nomeadamente: *A Maria no País do Facebook* (12 de setembro de 2017, no bar O bom, o mau e o vilão); *O Padre de Savimbi* (7 de outubro de 2017, no Colégio Pio XII); *Ao Sabor da Bíblia* (16 de novembro, na Escola Profissional de Hotelaria e Turismo de Lisboa); *O Manual do Lorde* (27 de novembro de 2017, no Grémio Literário); *A Balança da Europa* (5 de dezembro de 2017, na Comissão Europeia) e *Os Médicos, a Ópera e a História* (20 de dezembro de 2017, no Grémio Literário).



**Figura 9** – Mesa para venda do livro *Manual do Lorde* durante o lançamento

Para que os lançamentos ocorram, tem de se agendar uma data que seja possível tanto para o editor, como para o autor e para o apresentador, assim como para outras pessoas que irão intervir no lançamento. É preciso também marcar atempadamente o local onde o lançamento vai ocorrer e garantir ainda que os livros estarão impressos e disponíveis no local para o evento.

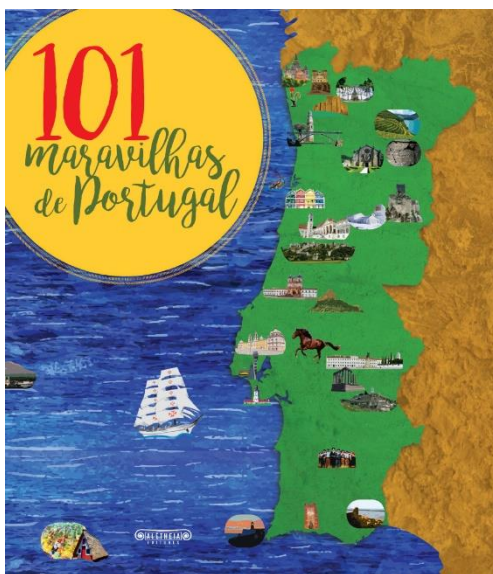
A minha função nestes lançamentos foi principalmente na hora do evento, e não na sua pré-produção. Assim, tinha a meu cargo a organização e exposição da banca onde se encontravam os livros à venda, que foram dispostos sempre de forma diferente nos cinco lançamentos. Durante o evento, procedia à venda dos exemplares e fazia também a cobertura videográfica e fotográfica das sessões. Os vídeos e fotografias captados serviam para divulgação do livro nas redes sociais da Alêtheia e da Ideia-Fixa.



**Figura 10** – Mesa para venda do livro *A Balança da Europa* durante o lançamento.

#### 4.5. Outras atividades

Ainda dentro do âmbito da parte editorial trabalhei na criação de conteúdo para o livro infantil *101 Maravilhas de Portugal* e pedi ISBNs no site da APEL (Associação Portuguesa de Editores e Livreiros).



**Figura 11** – Capa do livro *101 Maravilhas de Portugal*

Para além destas atividades editoriais, realizei outras relacionadas com a administração da empresa, como, por exemplo, o esclarecimento via telefone de clientes, inúmeras entregas de livros e de outras encomendas, principalmente em empresas como a Jerónimo Martins ou a RTP, mas também por toda a cidade de Lisboa. Desloquei-me ainda várias vezes aos CTT para a expedição de encomendas e de correspondência do Grupo Alêtheia. Já no final do estágio, fiz o inventário dos livros existentes nos escritórios da editora em Lisboa. Este inventário tinha como principal objetivo determinar os títulos e o número de exemplares que existiam no escritório da editora, para que se pudesse proceder à expedição de algumas encomendas a partir de Lisboa.

## 5. Conclusão

A realização do estágio na Alêtheia Editores foi um importante complemento à formação adquirida na licenciatura em Ciências da Linguagem e no Mestrado em Estudos Editoriais, pois permitiu consolidar os conhecimentos adquiridos e aplicá-los, na prática, em contexto real de trabalho. Assim, o estágio foi bastante enriquecedor para a minha formação pessoal, académica e profissional.

A editora e a sua chancela possuem um catálogo bastante variado. Enquanto a editora principal tem como principal incidência os leitores de nicho, a Ideia-Fixa tem obras para todo o tipo de público. Com esta diversidade, é possível chegar a todos os leitores, o que se reflete numa apreciação positiva da parte dos leitores.

A ajudar a esta apreciação estão também as parcerias que a Alêtheia tem vindo a desenvolver com o jornal *Expresso* ou o retalhista Pingo Doce, com quem publica obras de interesse para miúdos e graúdos.

Sendo a Alêtheia uma pequena editora, as tarefas distribuem-se por um número reduzido de colaboradores. Desta forma, embora por vezes não tenha acompanhado todo o processo de produção do livro, pude trabalhar em diferentes projetos e desempenhar diferentes funções. Como referi, executei maioritariamente a função de revisora e a preparação de textos para paginação, o que me permitiu trabalhar diferentes tipos de texto.

As diversas atividades fizeram com que entendesse a função dos vários intervenientes do processo do livro, principalmente o papel do revisor e os limites da sua intervenção num texto. Fora do processo de revisão, tive a oportunidade de fazer uma pequena tradução e assistir a lançamentos com autores e leitores.

Em retrospectiva, o tempo que estive na Alêtheia contribuiu de uma forma bastante positiva para o início de uma carreira profissional na área da edição. A adaptação ao ritmo e ambiente de trabalho da editora ocorreu de forma natural e ao longo das primeiras semanas. As atividades, para além de exigentes e diversificadas, serviram de base para uma aprendizagem sobre as funções que são desenvolvidas dentro de uma editora. O ambiente e a relação com os colegas de trabalho permitiu desenvolver relações interpessoais em contexto laboral e a transmissão de conhecimentos de forma descontraída.

## 6. Bibliografia

- AGOSTINHO, Sara Quintela (2017), *Relatório de Estágio na Alêtheia Editores*, Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Disponível em:  
[https://run.unl.pt/bitstream/10362/21784/1/relatorioestagio\\_2017\\_saraquintelaagostinho47037.pdf](https://run.unl.pt/bitstream/10362/21784/1/relatorioestagio_2017_saraquintelaagostinho47037.pdf)
- ALVES, João Miguel Vieira (2017), *Relatório de Estágio na Alêtheia Editores*, Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Disponível em:  
[https://run.unl.pt/bitstream/10362/22358/1/Jo%c3%a3o\\_Alves%20Relat%c3%b3rio%20%2b%20Capa.pdf](https://run.unl.pt/bitstream/10362/22358/1/Jo%c3%a3o_Alves%20Relat%c3%b3rio%20%2b%20Capa.pdf)
- ATHAYDE, Públio (2012), *Revisão de textos: teoria e prática*, São Paulo: AGBook.
- BECHARA, Evanildo (1999), *Moderna Gramática Portuguesa*, Rio de Janeiro: Lucerna.
- CARVALHAL, Tânia Franco (1993), «A Tradução Literária» in *Organon*, vol. 7, n.º 20, pp. 47-52, Rio Grande do Sul: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- FIDALGO, Marta Filipa Gomes Marques (2014), *Guia para Revisores de Texto – Uma proposta para o exercício de uma profissão pouco (re)conhecida*, Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Disponível em:  
<https://run.unl.pt/bitstream/10362/13518/1/Guia.para.Revisores.de.Texto.pdf>
- GONÇALVES, Martha Augusta Corrêa e Castro Rosa, Verônica Merlin Viana (2013), «A Revisão de Textos» in *Revista Letras Raras*, vol. 2, n.º 2, pp 143-160, Campina Grande: Universidade Federal de Campina Grande.
- MACEDO, Denise Silva (2013), *As contribuições da análise de discurso crítica e da multimodalidade à revisão textual*, Brasília: Universidade de Brasília. Disponível em:  
[http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/14150/1/2013\\_DeniseSilvaMacedo.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/14150/1/2013_DeniseSilvaMacedo.pdf)
- MAGALHÃES, Francisco José (1996), *Da Tradução Profissional em Portugal*, Lisboa: Edições Colibri.
- MEDEIROS, João Bosco (2002), *Manual de Redação e Normalização Textual. Técnicas de Editoração e Revisão*, São Paulo: Editora Atlas.
- PEREIRA, Liliana Lucas (2016), *Entre a formação académica e a experiência profissional: estabilização dos conceitos de Revisão e Revisor*, Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Disponível em:

[https://run.unl.pt/bitstream/10362/20112/1/Liliana Pereira Trabalho de Projeto CRL 2016.pdf](https://run.unl.pt/bitstream/10362/20112/1/Liliana_Pereira_Trabalho_de_Projeto_CRL_2016.pdf)

SARAMAGO, José (2008), *História do Cerco de Lisboa*, Lisboa: Caminho.

TEYSSIER, Paul (2001), *História da Língua Portuguesa*, São Paulo: Martins Fontes.

## 7. Anexos

### Anexo 1

#### Plano de estágio



#### PLANO DE ESTÁGIO

Delineação do plano de estágio na Alêtheia Editores, por Andreia Marques Cunha, mestranda em Estudos Editoriais, na Universidade de Aveiro, sob orientação científica de Prof.ª Dr.ª Cristina Carrington, planificado para o período de 11 de setembro 2017 a 13 de janeiro de 2018

---

O estágio, a decorrer na sede da Alêtheia Editores, em Lisboa, na Rua de São Julião, 140 tem como objetivo a aquisição, pelo estagiário, de competências em contexto prático de diferentes fases do trabalho editorial, servindo assim como complemento da formação teórica adquirida na componente letiva do Mestrado em Estudos Editoriais.

Com a realização deste estágio, pretende o estagiário integrar-se na empresa de forma tão abrangente quanto possível, propondo-se a desempenhar, produtiva e responsabilmente, as diversas tarefas que lhe forem cometidas, sob devida orientação.

Neste contexto, o estagiário desenvolverá as atividades a seguir descritas, podendo estas ser complementadas por outras que se apresentem necessárias ao bom desempenho na duração deste estágio.

##### Revisão e tradução

- Revisão de texto em primeiras provas
- Conferência de emendas em segundas provas
- Tradução de texto (português-inglês/espanhol)

##### Elaboração de Textos

- Elaboração de sinopses e notas biográficas
- Adaptação de textos para público infantil



#### Produção do objeto editorial

- Acompanhamento dos trabalhos de pré-produção — paginação e revisão
- Avaliação de provas finais, ozalides e provas de cor

#### Comunicação, Marketing e Divulgação

- Criação de conteúdos e introdução de dados no site
- Preparação logística de campanhas e feiras do livro

## Anexo 2

### Ao Sabor da Bíblia – revisão



#### Peixe do Nilo assado no calor das brasas com pão e salada

##### INGREDIENTES PARA 10 PESSOAS

- ✓ 200g de peixe por pessoa  
(sugerimos perca fresca)
- ✓ 50g de ervas aromáticas  
(orégãos, coentros, cominhos, alecrim)
- 1kg de pão integral
- ✓ 1dl de azeite
- q.b. de flor de sal

##### MODO DE PREPARAÇÃO

Escamar e cortar o peixe em posta.  
Grelhar as postas sobre as brasas ou sobre um grelhador de fogão.  
Depois de grelhado, temperar o peixe com a flor de sal, alho picado e as ervas aromáticas picadas.  
Empratar sobre fatias de pão ligeiramente tostado e regado com azeite.  
Servir sobre uma salada verde que inclua pimento vermelho. Finalizar, regando com azeite.

*“Lembramo-nos do peixe que comíamos de graça no Egito...”  
Núm 11,5*

## Crepe de queijo à David

### INGREDIENTES PARA 10 CREPES

10 folhas de crepes  
250g de compota de figo  
100g de mel  
500g de queijo de ovelha (pasta mole)  
0,5l de vinho doce  
1l de nata  
Canela para polvilhar  
q.b. de laranja

### MODO DE PREPARAÇÃO

Colocar o queijo, o mel e a compota numa batedeira eléctrica até se obter um creme consistente e homogéneo.  
Recheiar, depois, cada folha de crepe com uma porção deste preparado e enrolar em forma de «charuto».  
Bater as natas até obter *chantilly*.  
Cobrir os crepes já recheados com o *chantilly*.  
Empratar o preparado sobre uma redução feita de vinho com raspa de laranja.  
Polvilhar o *chantilly* com um pouco de açúcar amarelo, antes de o queimar com ferro em brasa ou maçarico.  
Servir de imediato o crepe aromatizado com canela em pó e decorado com rodelas secas de laranja.

## Massa de crepes

### INGREDIENTES PARA 10 FOLHAS

0,250l de leite  
q.b. de Manteiga  
0,150kg de farinha de trigo  
3 ovos  
q.b. de sal

### MODO DE PREPARAÇÃO

Bater os ovos ligeiramente numa tigela com o sal.  
Juntar a farinha peneirada, misturando com umas varas manuais.  
Adicionar, aos poucos, o leite e continuar a bater até obter uma massa lisa e homogénea.  
Deixar a massa descansar durante 30 minutos.  
Aquecer manteiga numa frigideira antiaderente ou numa crepeira de 18cm de diâmetro.  
Retirar a frigideira do lume e verter rapidamente uma concha da massa preparada, distribuindo-a de modo a que fique homogénea e forme uma camada bem fina.  
Voltar a pôr a frigideira ao fogo para deixar cozinhar o crepe, em fogo médio, até que o lado inferior esteja tostado.  
Verificar o estado de cozedura do crepe e retirá-lo da frigideira para um prato, com a ajuda de uma espátula larga.

## Cordeiro de Páscoa

### INGREDIENTES PARA 10 PESSOAS

300g de cordeiro por pessoa  
1dl de vinagre  
50g de alho picado  
2,5dl de azeite  
q.b. de flor de sal  
1kg de rábano  
500g de chicória  
250g de agrião  
100g de acelga  
500g de pão ázimo

### MODO DE PREPARAÇÃO

Preparar o cordeiro para assar.

Preparar uma papa com azeite, vinagre, alho e flor de sal. Para isso, colocar na trituradora 2dl de azeite, 1dl de vinagre, o alho e a flor de sal, até formar uma pasta.

Barrar, depois, o cordeiro com esta papa, deixando-o a marinar durante algumas horas.

Levar, então, o cordeiro a assar sobre um fogo que se aproxime dos 200°C, durante 1 hora aproximadamente.

Enquanto o assado está no forno, fazer uma salada com o rábano, os agriões, a chicória, a alface e a acelga.

Preparar, depois, o pão ázimo.

Depois de verificar o estado de cozedura da carne, executar o empratamento, colocando para o efeito o cordeiro sobre pedaços de pão ázimo, e a salada ao lado, temperada com os mesmos ingredientes do cordeiro.

## Figos assados oferecidos a Jesus

### INGREDIENTES PARA 10 PESSOAS

100g de mel  
100g de figos por pessoa  
q.b. de canela em pau  
q.b. de nardo  
10dl 10dl de vinho doce  
q.b. de açúcar em pó e canela para polvilhar

### MODO DE PREPARAÇÃO

Limpar os figos de possíveis impurezas.  
Colocar os figos numa assadeira com o pé para cima.

Juntar, então, aos figos, o mel, os paus de canela, o nardo e o vinho.

Levar ao forno a 180°C durante 45m. 11/14 minutos

Durante a assadura é conveniente ir regando os figos com o próprio molho do assado.

Por fim, retirar os figos do forno e dispô-los num prato raso, sobre o molho que resultou da cozedura. Polvilhar, ainda, com açúcar e canela em pó, antes de os levar à mesa.

*«Não há árvore boa que dê mau fruto, nem árvore má que dê bom fruto. Cada árvore conhece-se pelo seu fruto; não se colhem figos dos espinhos, nem uvas dos abrolhos. O homem bom, do bom tesouro do seu coração tira o que é bom; e o mau, do mau tesouro tira o que é mau; pois a boca fala da abundância do coração.»*

*B. G. 3-15*

### Anexo 3

#### *A Quinta da Alegria* – revisão

Caminhou bastante, encontrando vastos campos que o calor do Verão secara. Embora tudo estivesse seco, as cores eram bonitas. Os campos pareciam acenar para um lado e para o outro, com mãos de mato seco, em tons pálidos de amarelo, como numa pintura. A temperatura estava tão agradável, que Violeta tinha vontade de ronzonar, mesmo a caminhar. E isso ela sabia que não era boa ideia.

- "Nada dá mais sono do que ronzonar!" - Pensou divertida.

127 comentários

127 comentários

Sara out 19

eliminar as aspas

PÁGINA 14

3

Sara out 19

Fazer parágrafo

Sara out 19

eliminar

Sara out 19

p

PÁGINA 16

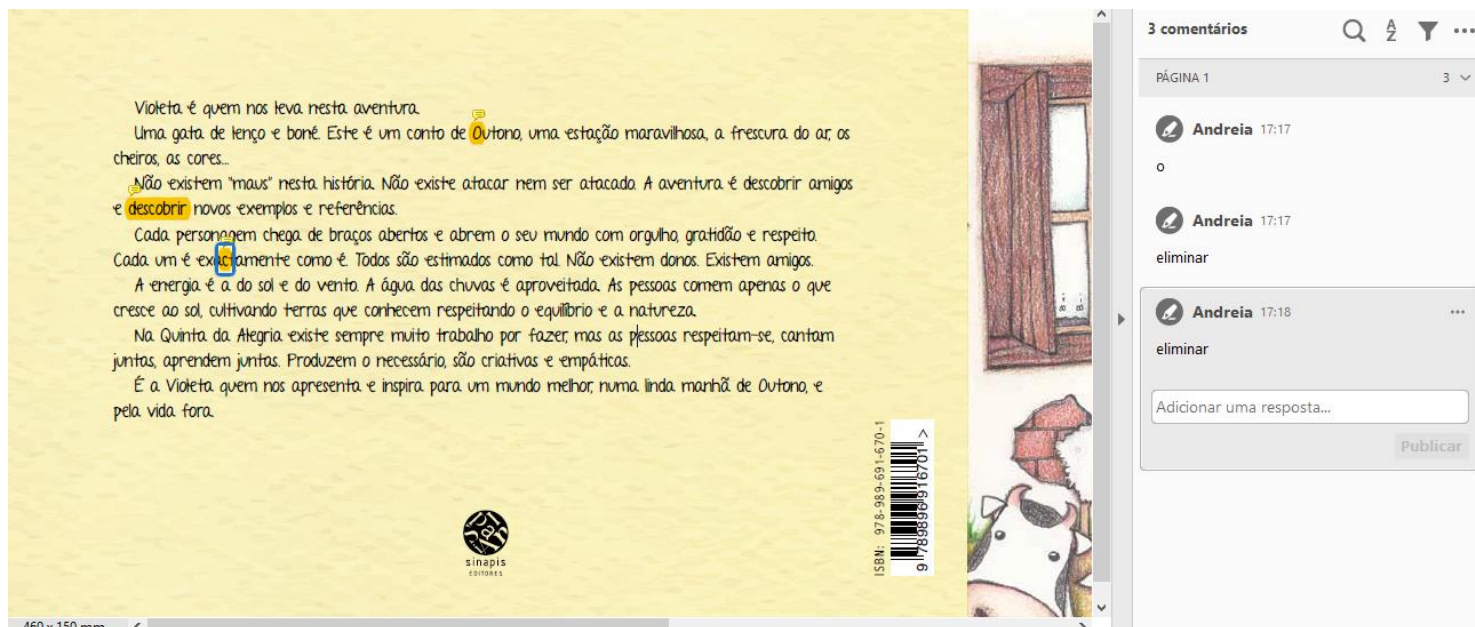
3

Sara out 19

a

## Anexo 4

### A Quinta da Alegria – revisão contracapa





## Anexo 5

### O Retrato de Dorian Gray – OCR

OSCAR WILDE

—Já lho digo — respondeu Basílio; mas nesse momento velou-lhe o rosto uma expressão de perplexidade.¶

—Sou todo ouvindo, Basílio — continuou o seu companheiro, fitando-o atentamente.¶

—Oh, muito pouco tenho que lhe dizer, Henrique — respondeu o pintor — e receio que me não compreenda bem. Talvez até lhe custe acreditar-me.¶

Lorde Henrique sorriu, e, baixando-se, apanhou da relva um malmequer e quedou-se a examiná-lo.¶

—Tenho a certeza absoluta de que o compreenderei — replicou, observando atentamente a florinha de pétalas de oiro —, e, quanto a acreditar, eu posso acreditar em tudo, contanto que seja absolutamente incrível.¶

O vento arrojou das árvores algumas flores e os lilases baloiçavam-se no ar lânguido. Uma cigarra começou a zunir junto da parede, e, como um fio azul, uma esguia libelinha passou, agitando as asas hialinas. Lorde Henrique tinha a sensação de ouvir as palpações do coração de Basílio Hallward, e a si mesmo perguntava o que iria suceder.¶

—A história é simplesmente isto — disse o pintor, passado algum tempo. — Há meses fui a casa de Lady Brandon. Sabe que nós, pobres artistas, temos de nos mostrar de vez em quando na sociedade, apenas para lembrarmos ao público que não somos selvagens. Com uma casaca e um

O RETRATO DE DORIAN GRAY

laço branco, disse-me você um dia, qualquer, até um corretor da Bolsa, pode adquirir reputação de civilizado. Muito bem: depois de ter estado na sala uns dez minutos conversando, tive de repente a sensação de que alguém me estava fitando. Voltei-me e vi Dorian Gray pela primeira vez. Quando os nossos olhos se encontraram, senti-me empalidecer. Empolgou-me uma curiosa sensação de terror. Eu sabia que se me deparara alguém cuja mera personalidade me fascinava a tal ponto que, se eu o permitisse, absorveria toda a minha natureza, toda a minha alma, a minha própria arte. Eu não queria na minha vida nenhuma influência externa. Sabe, Henrique, como eu sou independente por índole. Pui sempre senhor de mim mesmo; fui o pelos menos até o dia em que encontrei Dorian Gray. Então... mas não sei como explicar-lho. Alguma coisa parecia dizer-me que eu me achava à beira duma crise terrível na minha vida. Tinha um sentimento estranho de que o destino me reservava prazeres e dores invulgares. Tinha medo e dispus-me a sair da sala. Não foi a consciência que me levou a fazê-lo; foi uma espécie de cobardia.¶

—Consciência e cobardia são, na realidade, uma e a mesma coisa, Basílio. A consciência é o nome da firma. Nada mais.¶

—Não o creio, Henrique, assim como não creio no que você diz. Porém, fosse qual fosse a razão do meu proceder — e talvez fosse orgulho, pois eu era então

OSCAR WILDE

acerbamente no íntimo do seu coração e pensará muito a sério que ele se portou pessimamente para consigo. No primeiro dia em que ele vier a sua casa, recebê-lo-á com frieza e indiferença. Será muito para lastimar, pois isso o modificará. O que me contou é um perfeito romance, um romance de arte, podemos-lhe assim chamar, e a pior coisa que têm os romances, sejam de que género forem, é que nos deixam tão irromânticos.¶

—Henrique, não fale assim. Enquanto eu viver, há de sempre dominar-me a personalidade de Dorian Gray. Você não pode sentir o que eu sinto. Você muda a cada passo...¶

—Ah, meu caro Basílio, é exatamente por isso que eu posso sentir. Aqueles que são fiéis somente conhecem do amor o lado trivial: só os infiéis é que conhecem as tragédias do amor.

O RETRATO DE DORIAN GRAY

Dizendo isto, Lorde Henrique acendeu um fósforo numa elegante caixa de prata e começou a fumar um cigarro com um ar soberano e satisfeito, como se houvera condensado o mundo numa frase. Ouvia-se a chiadeira dos pardais na hera, e as sombras azuis das nuvens cruzavam a relva como andorinhas. Que aprazível estava o jardim! E que deliciosas eram as emoções dos outros! — muito mais deliciosas as emoções do que as ideias, afigurava-se-lhe. A nossa alma e as paixões dos nossos amigos — eis as únicas coisas que na vida nos prendem e nos encantam.¶

Representou-se-lhe na imaginação a maçada do almoço a que faltara por se demorar tanto tempo com Basílio Hallward. Se tivesse ido a casa de sua tia teria com certeza encontrado Lorde Goodbody, e toda a conversa teria versado sobre a alimentação dos pobres e a necessidade de habitações modelos. Cada classe teria pregado a importância daquelas virtudes para cujo exercício nenhuma necessidade havia nas suas vidas. Os ricos haveriam falado do valor da economia e os ociosos haveriam despejado torrentes de eloquência sobre a dignidade do trabalho. Que prazer em ter escapado a tudo isso! Ao pensar em sua tia, ocorreu-lhe subitamente uma ideia.¶

Voltou-se para Hallward e disse:¶

—Meu caro, recordei-me agora mesmo...¶

—De quê, Henrique?¶

—De onde ouvi o nome de Dorian Gray.



Anexo 6

O Retrato de Dorian Gray – revisão

creio que, se nós vivéssemos a nossa vida em toda a sua plenitude, se nós déssemos forma a todos os sentimentos, realidade a todos os sonhos, o mundo ganharia um tal impulso de alegria, que esqueceríamos todas as doenças do medievalismo e regressaríamos ao ideal helênico — a alguma coisa mais bela, mais rica, talvez, do que o ideal helênico. Mas, entre nós, o homem mais corajoso tem medo de si mesmo. A mutilação do selvagem tem a sua trágica sobrevivência na renúncia, que estraga as nossas vidas. Somos punidos pelas nossas recusas. Todo o impulso que nos esforçamos em estrangular vem refugiar-se no nosso espírito e envenena-nos. O corpo peca uma vez, e aí termina o seu pecado, pois a acção é um modo de purificação. Nada mais resta então do que a lembrança dum prazer ou o luxo dum pesar. O único modo de a gente se libertar de uma tentação é ceder-lhe. Se lhe resistimos, a alma adoce-nos com o anseio das coisas que ela a si mesma se proibiu, com o desejo daquilo que as suas leis monstruosas tornaram monstruoso e ilícito. Alguém disse que os grandes acontecimentos do mundo se passam adentro do cérebro. É no cérebro, e somente no cérebro, que se cometem também os grandes pecados do mundo. O senhor mesmo, Sr. Gray, com a sua florida mocidade, tem tido paixões que o têm assustado, pensamentos que o têm espavorido, sonhos, acordado e a dormir, cuja simples lembrança talvez lhe manche as faces de vergonha...¶

→ — Cale-se! — balbuciou Dorian Gray. — Cale-se! O senhor estonteia-me. Não sei que dizer. Há com certeza resposta para tudo isso, mas não posso atinar com ela.¶ Não fale. Deixe-me pensar. Ou, melhor, deixe-me tentar não pensar.¶

→ Durante quase dez minutos permaneceu ali, imóvel, com os lábios entreabertos e os olhos iluminados dum estranho fulgor. Tinha a vaga consciência de que dentro de si estavam a laborar influências inteiramente novas. Elas, porém, pareciam-lhe, na realidade, provir do seu próprio âmago. As poucas palavras que lhe dissera o amigo de Basilio — palavras indubitavelmente proferidas por acaso, e voluntariamente paradoxais — haviam tocado alguma corda secreta que nunca até aí fora desferida, mas cuja doçentia agora vibrou com singular intensidade.¶

VRI 06 de dezembro, 2017  
Eliminado: afoito

VRI  
Eliminado: afeimamos

VRI  
Eliminado: acoitar

VRI  
Eliminado: nos

VRI  
Eliminado: ndo

— Não me pude livrar dela. Levou-me à presença de Realezas e pessoas com Estrelas e Jureteiras e senhoras de idade com gigantescas tiaras e narizes de papagaio. Apresentou-me como o seu amigo mais querido. Nós só nos havíamos encontrado uma vez, mas meteu-se-lhe na cabeça expor-me como um animal raro à admiração de toda aquela gente. Creio que um quadro ~~que~~ havia nessa ocasião obtido um certo êxito, pelo menos havia sido muito falado nos jornais, o que é o processo de imortalidade do século dezanove. De repente, achei-me cara a cara com o jovem cuja personalidade tão singularmente me perturbara. Estávamos muito juntos um do outro, quase nos tocávamos. Os nossos olhos encontraram-se de novo. Irreflectidamente, pedi a Lady Brandon que me apresentasse. Talvez, afinal de contas, não fosse irreflexão. Foi simplesmente o inevitável. Tivemos falado um com o outro, mesmo sem apresentação. Tenho a certeza disso. Dorian disse-me depois. Também ele sentiu que nós estávamos destinados a conhecermo-nos.

— E como descreveu Lady Brandon esse jovem maravilhoso? — perguntou Lady Henry. — Recordo-me de que ela tem por costume dar uma síntese dos requisitos dos seus hóspedes. Lembro-me de ela me ter apresentado um velho trunfo e de faces vermelhas, cheio de ordens e medalhas, e de meter segredo ao ouvido, num trágico sussurro que todos na sala devem ter ouvido, os mais espantosos detalhes. En fugi logo. Gosto de descobrir as pessoas por mim mesmo. Lady Brandon trata os seus convidados como um leiloeiro trata as coisas que põe em praça. Ou desce às mais minuciosas explicações ou diz tudo menos aquilo que queremos saber.







— Coitada! Você é duro para com ela!

— Meu caro amigo, ela quis fundar um salão e apenas conseguiu abrir um restaurante. Como a poderia eu admirar? Mas diga-me: que lhe disse ela acerca de Dorian Gray?

— Oh, algo como: «rapaz encantador. A mãe dele e eu éramos absolutamente inseparáveis. Esqueci-me completamente do que ele faz, talvez nem faça nada. Ah, sim, toca piano,

1087 comentários

PÁGINA 13

-  **Andreia** jan 15  
tínhamos
-  **Andreia** jan 8  
tinha
-  **Andreia** jan 8  
tinha
-  **Andreia** jan 8  
um breve resumo
-  **Andreia** jan 8  
e de
-  **Andreia** jan 8  
me ter

## Anexo 7

### São Tomé – Labirinto Verde – revisão PDF

#### NOTA ACERCA DA SEGUNDA EDIÇÃO

A primeira edição deste livro que quiz expeditiva em razão de problemas intercorrentes de saúde de uma muito próximo familiar, sofreu seriamente da consequente omissão de uma revisão do texto.

Nesta necessária reedição aproveito a oportunidade para ampliar o texto original que agora aparece enriquecido com documentos que mais recentemente chegaram ao meu conhecimento e que contribuem para a documentação daquele período em S. Tomé.

Aos autores destas pesquisas, Armando Silva e Luis Jordão, os meus melhores agradecimentos.

que se não havia vermelhos, havia-os ainda mais lindos com escamas douradas do dorso, naquela pateira lá para baixo. O que nos anunciou o senhor!

Era só arranjar as redes, levar uns baldes... tudo estava pronto, mas aguardando o momento ideal, havia já uns dias que não dormíamos. E ainda havia quem perdesse tempo com danças e namoros! Patetas!

Mas contra tudo o que se pudesse prever, o magnífico programa cheio de prazeres que nos fazia vibrar tanto quanto o objectivo final, foi subitamente substituído por um outro que ultrapassava tudo o que se pudesse fazer a nossa felicidade: O Rui que sempre se dedicava em acampar e que conhecia tudo sobre o assunto, mesmo reimpermeabilizava as tendas, tinha acabado de chegar. Fontes e obtido dos Pais autorização para conosco descermos de bateira até à Ria, acampando nos areais por ali abaixo e alimentando-nos com o nosso farnel e nas aldeias pelo caminho.

Em dois dias, com um tempo magnífico e seguro, atestado pelo cheiro de Cacia que o vento de este trazia, metemos tudo na bateira e despedimo-nos da família que nos acenava do cimo da ponte da Fontinha, antes de a perder de vista nos meandros do rio. Para nós não só era uma alegria ter ali toda a ciência e experiência do nosso irmão, como sobretudo tudo aquilo ser devido à sua própria iniciativa, quer dizer à sua vontade de viver a aventura conosco e não com os companheiros da sua idade. Era uma promoção social que registámos encantados.

Foi um jantar digno de grandes aventureiros, o que tivemos um extenso areal à jusante, já desconhecido dos nossos passeios e quando fomos para a tenda, antes de dormir, ninguém falava, para termos ouvido algum animal, sobretudo loras, que dizia o Rui parecia existirem ainda por ali. A meio da noite alguém ouviu de facto alguma coisa estranha e de manhã havia pegadas na areia que não conhecíamos, lontras seguramente. A viagem, ritmada pelo som da vara encunhar na água ou a encostar-se ao bordo da bateira para a fazer da mureça ou

730 comentários

Q A Z ...

livro,

Andreia nov 13

s

Andreia nov 13

próxima

Andreia nov 13

e

Andreia nov 13

com a

Andreia nov 13

original,

Andreia nov 13

espaçamento

730 comentários

Q A Z ...

Andreia nov 13

senhor!

Andreia nov 13

baldes... tudo

Andreia nov 13

danças

Andreia nov 13

eliminar

Andreia nov 13

u

Andreia nov 13

i

Andreia nov 13